Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Elaine Jansen de Souza

Ao etéreo: o álbum *amicorum* e seu papel na preservação da memória

Brasília
2016

Elaine Jansen de Souza

Ao etéreo: o álbum *amicorum* e seu papel na preservação da memória

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador:
Prof. º Me. Carlos Henrique Juvêncio.

Brasília
2016

S729e Souza, Elaine Jansen.
Ao etéreo: o álbum *amicorum* e seu papel na preservação da memória / Elaine Jansen de Souza. -2016.
98 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2016.
Inclui bibliografia.
Orientação: Carlos Henrique Juvêncio.

1. Memória. 2. Preservação. 3. História. 4. Documento. 5. Álbum de dedicatórias. I. Juvêncio, Carlos Henrique. II. Título.

Titulo: Ao etéreo: o álbum *amicorum* e o seu papel na preservação da memória.

Aluna: Elaine Jansen de Souza.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 16 de agosto de 2016.

Carlos Henrique Juvêncio da Silva - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Raphael Diego Greenhalgh – Membro
Bibliotecário da Biblioteca Central (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, aos meus pais Antonio Ricardo e Maria Helena, meu irmão Ricardo e familiares.

Em especial ao meu pai por ter sempre me acompanhado todos estes anos de universidade até a parada de ônibus. A minha mãe por me dar todo o apoio para que eu nunca desistisse de tentar ingressar na Universidade de Brasília. Ao meu irmão que sempre me auxiliou em alguns trabalhos da faculdade principalmente relacionados a ilustrações e também na manutenção dos meus dispositivos eletrônicos. E por toda a paciência, carinho e apoio que tiveram por mim durante todos estes anos de vida universitária.

Ao professor Carlos Henrique Juvêncio, meu orientador que me propôs este tema de monografia, pela paciência e auxílio para a elaboração deste trabalho.

À Biblioteca Central (BCE) mais precisamente ao Raphael D. Greenhalgh responsável pelo setor de Obras Raras por ter disponibilizado o espaço e o álbum *Autographos Contemporaneos 1865* que foi a obra base e principal para o desenvolvimento da monografia.

Aos amigos e colegas do curso de Biblioteconomia e demais cursos da Universidade de Brasília em especial a minha melhor amiga que considero uma irmã Camila Cirino Cardoso. Nossa amizade nasceu graças a um episódio envolvendo um celular que foi esquecido dentro de um dos banheiros da UnB. Esta amizade foi um grande presente que a UnB me deu. Vivemos juntas momentos de alegria, comemorações, boas risadas e também de frustrações, inseguranças e lágrimas. Obrigada por seu apoio e amizade sempre!

Agradeço também a todos os professores da Faculdade de Ciências da Informação (FCI) e demais departamentos da Universidade de Brasília que contribuíram para minha formação acadêmica e profissional.

Aos funcionários da FCI, em especial ao secretário Reginaldo Olegário por toda dedicação e ajuda que dar para os alunos do curso de Biblioteconomia.

Aos colegas da Biblioteca do Senado, em especial as pessoas do setor da Biblioteca Digital (BD) por ter me dado a oportunidade de realizar o estágio, por todo o conhecimento passado e pela paciência em ensinar. Foi uma experiência muito enriquecedora para meu desenvolvimento acadêmico e futuro profissional.

Ao K-pop música popular coreana que é sempre uma fonte de alívio para o estresse do dia a dia do transporte público e estimulante nas horas de realizações das atividades e trabalhos da faculdade.

Por fim agradeço, a Universidade de Brasília (UnB) por todos estes anos de crescimento e aprendizagem.

“Devemos cultivar nosso jardim.”

(Voltaire)

“O segredo de seguir em frente é começar a trabalhar.”

(Agatha Christie)

RESUMO

Aborda o conceito de memória, o seu significado e a sua relação com a lembrança, esquecimento, preservação e destruição. Os tipos de representações da memória ao longo da história da humanidade desde a memória oral, a memória escrita e a memória artificial. O significado de documento, suas características e tipos, a sua relevância para histórica e se este tipo de registro pode ser considerado memória. O objeto álbum como uma forma de preservar a memória e a história de uma época. Análise e transcrição das dedicatórias do álbum *Autographos Contemporaneos 1865.* Trata as dedicatórias presentes no álbum como conservadoras da memória e da história entre Portugal e Brasil, refletindo sobre comportamentos sociais e política da época. Conclui que o álbum é parte essencial de relatos de tempos passados, uma vez que carregam uma parcela da história e dos registros de seu tempo.

Palavras-Chave: Memória. Preservação. História. Documento. Álbum de dedicatórias.

ABSTRACT

Approaches the concept of memory, its meaning and its relation to recollections, oblivion, preservation and destruction. The types of memory representations throughout the history of humanity since oral memory, written memory and artificial memory. The meaning of document, its characteristics and types, its relevance to history and whether or not this kind of record can be considered memory. The object album as a way to safeguard memory and the historic of an era. Analysis and replication of the album *Autographos Contemporaneos 1865*'s transcriptions. Evaluate the inscriptions present in the album as safekeeping of memory and history between Portugal and Brazil, reflecting about the social and political behaviors at the time. Concludes that the album is an essential part of the narrative of past times, as they carry a portion of history and of the records of its time.

Keywords: Memory. Preservation. History. Document. Autograph book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do álbum *Autographos Contemporaneos 1865*……. 30
Figura 2 – Musas…..……... 31
Figura 3 – Camões salvando os Lusíadas……... 32
Figura 4 – Barco a vela…….. 33
Figura 5 – A cruz…… 34
Figura 6 – Navio…….… 35
Figura 7 – Cego Rabequista……... 39
Figura 8 – Partitura 1……. 43
Figura 9 – Partitura 2……. 44
Figura 10 – Partitura 3……... 44
Figura 11 – Homem de turbante……..... 46
Figura 12 – Ser celestial……..... 47
Figura 13 – O anjo……..….…. 50
Figura 14 – Paisagem…….……... 53
Figura 15 – O anjo e a abelha……... 54
Figura 16 – Os pescadores……..... 55
Figura 17 – Filha……... 57
Figura 18 – Casarão…….…. 60
Figura 19 – Dois navios……..……..… 67
Figura 20 – Princesa Imperial Dª Isabel……..…. 73
Figura 21 – Bordados nºs 1 e 2…….… 74
Figura 22 – Bordado nº 3…….…….… 76
Figura 23 – Criança…….……..… 81
Figura 24 – Contracapa do álbum *Autographos Contemporaneos 1865*……..…. 86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO …… 10
1.1 ***Objetivo Geral*** …….. 11
1.2 ***Objetivo Específicos*** …….. 11
1.3 ***Metodologia*** ……... 11
2 REVISÃO DE LITERATURA ……... 14
2.1 ***Memória, lembrança, esquecimento: preservação e destruição***……... 14
2.2 ***O documento é memória?!*** …….... 21
3 O ÁLBUM DE DEDICATÓRIAS ***AUTOGRAPHOS CONTEMPORANEOS 1865*****,**
UMA INCÓGNITA AO FUTURO …… 26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS …….. 89
REFERÊNCIAS …….. 91

1 INTRODUÇÃO

"A memória é algo a que chegamos após um processo de abandono da presença e/ou da existência de alguém, de alguma coisa ou de algum fato. Ela nos mostra quem somos, pela aquisição, formação, conservação e evocação de informações" (IZQUIERDO, 2002, p. 9).

A memória pode também referir-se a lembrança ou recordação de algo que no passado ocorreu. O homem através de suas experiências ouvidas ou vividas transforma aprendizagem em conhecimento que posteriormente será utilizado para seu desenvolvimento intelectual, tomada de decisões e também gerador de novas ideias.

"A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia." (LE GOFF, 1990, p. 477).

Quando certos fatos se tornam relevantes e são guardados na memória de uma sociedade ela é transformada em uma memória coletiva. Esta memória coletiva poderá ser expressada por inúmeras formas como, por exemplo, através de uma obra literária que um artista faz para relatar o passado de determinada sociedade.

Segundo Leroi-Gourhan (1964-65, p. 65): "A história da memória coletiva pode dividir-se em cinco períodos: o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica."

A transmissão oral da memória dissemina os ensinamentos, tradições, doutrinas que posteriormente começaram também a ser registradas em diferentes suportes como imagens, música, textos, etc. Conservadas para futuras consultas e também para as novas gerações.

O registro da memória possui grande importância não só individual como coletiva e a preservação deste registro tem como objetivo a proteção do patrimônio cultural. A preservação pode ser realizada por profissionais que atuam nas bibliotecas, arquivos e museus, mas algumas práticas de preservação também já eram realizadas por outras tradições mais antigas. Para evitar a falta de memória ou esquecimento do conhecimento, o registro desta memória possui grande relevância. Existe um outro fator que é prejudicial para a preservação da memória que seria o fator da destruição desta memória e de seu inestimável valor histórico e afetivo.

> A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. (HOBSBAWM, 1995, p. 12)

O álbum, entre diversos outros formatos de registro da memória, também salvaguarda um período da história de um indivíduo ou de uma sociedade. Preservando através deste objeto um rico simbolismo, uma corrente entre o presente e o passado, registrando a realidade daquele período. No caso de alguns álbuns de fotos, figurinhas, dedicatórias, etc, em que seu conteúdo é carregado de sentimentos e lembranças daqueles que eram os seus possuidores e também das pessoas que deixaram dedicatórias nestes objetos.

No passado a dedicatória de um livro dedicado a um rei garantia ao autor proteção e simpatia do nobre monarca. Em consequência o autor ganhava prestígio aos olhos da sociedade, títulos e financiamentos para futuros trabalhos.

> […] o livro oferecido ao príncipe. Em francês, são os mesmos termos *dédier* [dedicar], *dédicace* [dedicatória]) que designam a consagração de uma igreja e o oferecimento de um livro. O *Dictionnaire universel* de Furetière, em 1690, conjuga assim as definições: "Dédicace: Consagração de uma Igreja (…) É também o texto liminar de um livro, dirigido à pessoa a quem se dedica esse livro, para pedir-lhe proteção;" Dédier: Consagrar uma igreja (…). Significa também oferecer um livro a uma pessoa para homenageá-la e ter ocasião de elogiá-la, e, muitas vezes, para esperar dela em vão, algumas recompensa". "Esperar dela, *em vão,* alguma recompensa"[…]. (CHARTIER, 2006, p. 186)

1.1 *Objetivo Geral*

Compreender o papel do álbum de dedicatórias para a memória social.

1.2 *Objetivos Específicos*

- Analisar o álbum de dedicatórias *Autographos Contemporaneos 1865* e o seu papel na preservação da memória se baseando no conceito de memória e se um documento pode ser considerado memória.

- Mapear as dedicatórias existentes no álbum, bem como seus autores.

1.3 *Metodologia*

O trabalho com o álbum *Autographos Contemporaneos 1865* consistiu em fazer uma descrição detalhada de todas as dedicatórias do álbum partindo-se da leitura paleográfica da obra. O contato com a obra e a leitura paleográfica deram os subsídios para identificar os

autores, locais e datas de cada dedicatória na obra e também com auxílio de fontes terciárias como o Dicionário Bibliográfico Português de Innocencio Francisco da Silva, 1858-1923 e do site do Museu de Arte Contemporânea de Chiado em Portugal.

Utilizado textos de autores como Pomian, Halbwachs, Le Goff, Otlet, Umberto Eco que abordam os conceitos de memória, preservação e destruição.

O álbum possui dedicatórias situadas entres os anos de 1865 até 1886 em um total de 60 textos (poemas e poesias), 20 ilustrações entre pinturas e trabalho sobre tecido (bordados) e uma partitura.

O álbum é composto por vários pintores e escritores literários portugueses e brasileiros e também um pianista e compositor. Destaque para os pintores Luís Ascêncio Tomasini, (1823-1902) e João Pedroso Gomes da Silva (1825-1890). Os escritores portugueses Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), António Feliciano de Castilho (1800-1875), Teófilo Braga (1843-1924), e as escritoras Ana de Castro Osório (1872-1935) e Maria José da Silva Canuto (1812-1890). E também os escritores brasileiros José Martiniano de Alencar (1829-1877) e Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). E o pianista e compositor Arthur Napoleão dos Santos (1843-1925).

No capítulo 1, abordamos os conceitos de memória que na Grécia antiga era atribuída a sua personificação a deusa *Mnemosine.* As musas que inspiravam os poetas, literários, músicos, dançarinos, astrônomos e filósofos. As formas de armazenamento e registro da memória que vão desde a memória oral, a memória escrita, o equilíbrio entre memória oral e escrita até chegar ao conceito de memória artificial (computadores) e como se deu esta transição da memória ao logo da história da humanidade e também quais os suportes em que esta memória foi registrada.

Neste capítulo foram utilizados alguns dos conceitos sobre memória, lembrança, esquecimento e preservação dos autores Le Goff e Umberto Eco.

Procurando entender quais ações o homem realizou ao longo da história da humanidade para preservação da memória, que vai da oralidade atribuída sua responsabilidade às pessoas mais velhas e sábias das comunidades, passando para o registro em tábuas de argila, pergaminho, papiro, papel e o surgimento do livro e finalmente o registro e armazenamento da memória através das tecnologias digitais. E alguns exemplos de eventos que ocorreram ao longo da história relacionador com a destruição da memória como na China, Bagdá e Alemanha. E questões sobre a importância da valorização da memória para a humanidade.

No capítulo 2, abordamos a questão sobre se o documento pode ser considerado memória. O significado de documento, a relevância do documento ao longo da história da humanidade principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial e a criação da Ciência da Informação que começou a organizar, armazenar e disponibilizar esta crescente demanda de documentos que surgiu nesta época.

As principais características distintas que existem para cada tipo de documento como os documentos de arquivo, documentos públicos e documentos históricos. Os diferentes tipos de suportes que estes documentos podem possuir: documentos textuais, documentos cartográficos, documentos iconográficos, documentos filmográficos, documentos sonoros, documentos micrográficos e documentos informáticos. E a importância do documento para a preservação da memória cultural da humana.

No capítulo 3, abordamos a memória que representa a lembrança ou recordação de algo que aconteceu e o ser humano não sendo o único portador de memórias, pois alguns objetos também possuem este tipo de representação memorial. O significado de objeto segundo Baudrillard (2008). Os tipos de objetos segundo Morin (apud BOSI, 1994) que estão divididos em: objetos biográficos e objetos protocolados.

Os objetos que carregam memórias, sendo o álbum um bom exemplo de objeto memorial. O significado de álbum, sua tipologia e suas variadas denominações ao longo da história humana. E se baseando no significado e singularidade de que os álbuns representam foi realizada uma pesquisa exploratória documental do álbum de dedicatórias *Autographos Contemporaneos 1865.* O significado de dedicatória. E por fim a descrição detalhada de todas as dedicatórias do álbum *Autographos Contemporaneos 1865* na ordem de como está na obra original. Relatando as biografias de cada um dos autores e também a sua importância para a memória social.

Enfim, pretende-se evidenciar o quanto um álbum de dedicatórias carrega consigo além de sua própria história, as histórias das personalidades que fazem parte deste objeto e também um pouco da história destas duas nações (Portugal e Brasil), nos servindo de relato de uma época passada.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 *Memória, lembrança, esquecimento: preservação e destruição*

Na Grécia antiga, a personificação da memória era atribuída a deusa *Mnemosine,* filha de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Durante nove noites Zeus a possuía e da união nasceram as nove musas. Eram elas: Calíope, a musa da poesia épica; Clio da história; Euterpe da música das flautas; Erato da poesia lírica; Terpsícore da dança; Melpomene da tragédia; Talia da comédia; Polímnia dos hinos sagrados e Urânia da astronomia (essa distribuição varia conforme as fontes).

As musas inspiravam os poetas, literários, músicos, dançarinos, astrônomos e filósofos.

> Os gregos da época arcaica fizeram da memória uma deusa, […] Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. E a testemunha inspirada dos "tempos antigos", da idade heróica e, por isso, da idade das origens. (LE GOFF, 1990, p. 438)

Segundo Le Goff (1994) existem diferenças significativas entre sociedade de memória oral e de sociedade de memória escrita e também as fases de transição entre a oralidade e a escrita a que Jack Goody (1977) chama "a domesticação do pensamento selvagem".

No início dos tempos, todo o conhecimento armazenado da memória humana era transmitido de forma oral. Durante muitos séculos o sistema oral ou de oralidade era o principal meio de comunicação entre os homens. As memórias auditiva e visual eram os únicos sistemas de armazenamento e transmissão do conhecimento. A inteligência estava diretamente relacionada com a memória. As pessoas mais velhas das comunidades eram consideradas os mais sábias por causa da grande quantidade de conhecimento acumulado ao longo dos anos. Um bom exemplo disto eram os contadores de histórias.

Na Grécia antiga a oralidade era de extrema importância no ensino da arte da retórica (a arte de falar bem em público).

Existem dois tipos de oralidade: a oralidade primária que não é influenciada por nenhuma forma de escrita e estaria relacionada a lembrança do indivíduo, e a oralidade secundária que depende diretamente da escrita.

No período medieval surgiu o equilíbrio entre a memória oral e a escrita, depois do processo de evolução da escrita no século XVI com o surgimento da escrita cuneiforme que foi um sistema de escrita que foi criado na Babilônia em torno do 4° milênio a.C. e que consistia na gravação de caracteres com a utilização de uma haste de ponta quadrada em tabletes de argila úmida.

A criação da escrita representou um grande marco para a história da humanidade e para a conservação dos registros, que permitiram assim o armazenamento da memória e da propagação das informações. Depois de alguns séculos tivemos o surgimento da memória artificial que está relacionada aos computadores, mais precisamente a memória de acesso aleatório (do inglês *Random Access Memory*, frequentemente abreviado para RAM), que é um tipo de memória que permite a leitura e a escrita, utilizada como memória primária em sistemas eletrônicos digitais.

"A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas" (BONCOMPAGNO da signa *apud* LE GOFF, p. 453).

Quando as famílias e as tribos começaram a emitir seus primeiros sons com significado, a memória da espécie era de responsabilidade das pessoas mais velhas. Sendo o cérebro o administrador da memória orgânica. Com a invenção da escrita, surgiu a memória mineral com os primeiros signos gravados nas tábuas de argila ou sobre pedra que está presente também na arquitetura como, por exemplo, nas pirâmides egípcias, catedrais góticas, templos ou por intermédio de imagens ou pinturas que transmitiam histórias e também ensinamentos morais. Depois nasceu o terceiro tipo de memória denominada por vegetal, que por mais que alguns pergaminhos fossem feitos com pele de animais ele também é considerado uma memória vegetal, o papiro que era vegetal surgido do advento do papel no século XII, sendo produzidos livros a partir de trapos de linho, cânhamo e algodão. A própria etimologia tanto de *biblos* como *liber* refere-se à casa de árvore (ECO, 2010).

> Para os gregos, a Memória é sagrada e privilégio apenas de alguns homens. A Memória do poeta inspirado é uma onisciência de caráter adivinhatório: mediante uma visão pessoal, ela permite ao poeta acesso direto aos acontecimentos que evoca. Permite-lhe entrar em contato com o mundo dos deuses e vislumbrar o presente eterno. (REGIS, 1997, p.1)

Dois exemplos de poetas que declararam suas virtudes atribuídas as Musas filhas de *Mnemosine* foram Homero e Hesíodo. Segundo (KURY, 2009) Homero foi um poeta grego considerado o fundador da poesia épica. Supõe-se que tenha vivido por volta do século IX a.C. De todas as obras atribuídas a Homero, a crítica moderna considera autênticos os Hinos de louvor aos deuses, a *Ilíada*, a *Odisseia*. Estes dois poemas épicos constituem as obras mais antigas da literatura grega e marcam o nascimento da literatura europeia. A *Ilíada* conta sobre a guerra de Troia. A *Odisseia* narra as aventuras de Ulisses e seus companheiros, que tentam retornar a Ítaca após a derrota de Troia. E Hesíodo, que foi um poeta grego do século VIII a.C, é autor da *Teogonia*, obra em que recolheu tradições divergentes às quais procurou dar uma ordenação lógica, estabelecendo a genealogia dos deuses e a história mítica da constituição do universo divino. Escreveu também *Os Trabalhos e os Dias*, onde estabelece normas de agricultura, educação e práticas mágicas.

Tanto Homero como Hesíodo proclamaram sua adoração pelas Musas que foi demostrada através de suas obras.

> Musa, narra-me as aventuras do herói engenhoso, que, após saquear a sagrada fortaleza de Tróia, errou por tantíssimos lugares vendo as cidades e conhecendo o pensamento de tantos povos e, no mar, sofreu tantas angústias no coração, tentando preservar a sua vida e o repatriamento de seus companheiros, sem, contudo, salvá-los, mau grado seu; eles perderam-se por seu próprio desatino; imbecis, devoraram as vacas de Hélio, filho de Hiperião, e ele os privou do dia do regresso. Começa por onde te apraz, deusa, filha de Zeus, e conta-as a nós também. (HOMERO, 2000, p. 9)

Hesíodo após realizar um hino às Musas, o mesmo relatava que as deusas o inspiravam. As musas, em gratidão a dedicação de Hesíodo, o presentearam com o conhecimento sobrenatural, que era capaz de conhecer coisas do presente, passado e do futuro e o ensinaram a cantar para que assim ele proclama-se aos deuses e também as aventuras dos homens e a sua própria em suas canções.

> Elas [as Musas] certa vez, a Hesíodo, ensinaram belo canto, Ovelhas ele apascentando sob o Hélicon divino. E a mim, antes de tudo, as deusas estas palavras dirigiram, As Musas olimpíades, filhas de Zeus que tem a égide: Pastores agrestes, maus opróbrios, ventres só, Sabemos muitas mentiras dizer semelhantes a coisas autênticas E sabemos, quando queremos, verdades proclamar. (BRANDÃO, 2000, p. 1)

A memória vegetal tornou-se de grande importância para a sociedade. A memória registrada nos livros começou a tomar forma de quase divina, ou seja, um culto ao livro, reforçada pelas religiões monoteístas, pois se o seu livro sagrado foi feito por seus

antepassados que de certa forma viveram na época do registro daquela memória, então esta memória era quase que inquestionável. Outro fato é que confiamos mais na memória vegetal (livro) do que na memória orgânica (cérebro), pois a memória orgânica às vezes se torna falha quando nos confundimos sobre uma determinada ordem de um acontecimento ou quando esquecermos de parte do ocorrido.

O livro se torna algo em que o homem pode deixar suas memórias ou lembranças para as gerações futuras. A vida do homem possui uma limitação de tempo e talvez através do registro desta memória este ser se torne quase que imortal. O seu corpo físico não mais existirá, mas sua memória registrada em um livro, por exemplo, se manterá por um longo tempo.

A memória encontra alguns empecilhos para a sua preservação. Como já foi dito, a memória orgânica possui algumas falhas nas ordens sequenciais de um acontecimento ou do simples esquecimento deste acontecimento. A memória vegetal também não está livre desta destruição: pois a sua destruição é causada pelo tempo de vida que o livro possui. Os livros mais antigos eram produzidos com materiais que tem uma maior durabilidade como o papel de trapos (fibras de algodão). Com o advento da imprensa por Gutenberg[1], o papel de trapo foi substituído pelo feito da extração da fibra de celulose da madeira, um material que não tem tanta durabilidade quanto as fibras de algodão. A vida média de um livro feito na segunda metade do século XIX é de aproximadamente sessenta anos enquanto outros feitos com papel de melhor qualidade tem uma durabilidade em média de mais de 100 anos. (ECO, 2010).

A preservação da memória ficou sendo atribuída as bibliotecas por causa do advento da escrita. O termo biblioteca apareceu na Grécia antiga com o significado de “cofre de livros” e mais tarde também chamada de depósito de livros. Sendo o local para se abrigar e conservar os livros, preservando o conhecimento e a memória coletiva que era registrada nos suportes. A biblioteca transmite uma aura mística por ser o local em que se armazena o conhecimento humano.

> para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma

1 Gutenberg—A impressão com tipos móveis, implementada em 1440 por Gutenberg, tornou possível a multiplicação dos livros. No período de apenas 50 anos, entre 1450 e 1500, mais de 20 milhões de cópias de livros foram produzidas, compreendendo cerca de 10 a 15 mil títulos diferentes. Já na era dos manuscritos, existem estimativas da produção de apenas um milhão de cópias durante o período de apenas um milhão de cópias durante o período de 1000 anos (HAVU, 2005 apud CUNHA; LIMA, 2008).

> e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Depois da Segunda Guerra Mundial o material documental obteve um grande crescimento e as bibliotecas passaram a ter que se organizarem da melhor forma para se adequar à demanda crescente de produção de material documental. E já foi mencionado anteriormente o suporte possui uma vida média e para que não se perca todo este conhecimento por causa da deterioração do suporte, uma solução que se encontrou para a preservação desta memória que graças ao advento das tecnologias digitais no mundo se possibilitou o processo de digitalização. O processo de digitalização foi a solução encontrada para o problema da perda deste material documental.

A digitalização não só serve como uma forma de preservação, mais também democratiza o acesso deste material. Como por exemplo, a pessoa não precisaria mais se deslocar de sua moradia para ter acesso a um documento que está em uma biblioteca. O usuário pode ter acesso a este documento de sua residência através da internet, sendo possível na maioria dos casos, ser feito o *download* deste documento. Outra vantagem da digitalização de um documento é a preservação, da obra original que ficará protegida em um cofre, num local adequado para sua preservação no caso de obras raras, só sendo possível o manuseio deste tipo de material sobre uma boa justificativa.

"Os arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação cumprirão papel estratégico. […] Reproduzirão, na internet, a função de operar coleções de conteúdos organizados segundo metodologias e padrões de seleção e qualidade" (TAKAHASHI, 2000, p. 65).

A ação humana é uma outra grande responsável pela destruição da memória vegetal como é mostrado ao longo da história da mesma. A biblioclastia é "destruição propositada de livros, por ódio ao que neles se contém ou aversão à cultura; bibliofobia" (MICHAELIS, 1998, p. 322). A seguir alguns exemplos deste tipo de destruição ao longo da história:

Primeiramente, um bom exemplo da destruição da memória ocorreu durante a dinastia Quin que foi uma dinastia que governou a China entre 221 a.C. e 206 a.C. O imperador Shi Huangdi durante seu reinado foi o responsável por dar início a construção da Grande Muralha da China, mas em contra partida o seu reino foi também o grande responsável pela maior queima de livros que a história da humanidade pode presenciar. Além da queima de livros o imperador Shi Huangdi proibiu a realização de práticas como magia e erudição desenvolvidas por alguns ditos "mestres" de seu reino. Conforme nos diz o sinólogo Martin Kern referia-se

tanto a estudiosos quanto a médicos, adivinhos e intérpretes de sonhos. Foram executados mais de 460 pessoas. Criou-se até uma expressão para estes eventuais acontecimentos que ficou sendo conhecido como *fehgshu kengru*[2], ou seja, queima de livros e enterro de sábios. O propósito do imperador Shi Huangdi era o de reescrever a memória/história de seu reino, queimado os livros que pertenciam a períodos anteriores ao seu reinado e também exterminado os intelectuais que iam contra suas ordens, o imperador agora possuía o controle de tudo aquilo que era produzido durante o seu reinado.

"Shi Huangdi parece ter percebido a mesma coisa que os ptolomeus aprenderam no Egito, ou seja, que o monopólio sobre os recursos intelectuais é tão importante para governar um país quanto o controle sobre a produção do arroz ou da seda." (BATTLES, 2003, p. 44).

A Era de Ouro do Islamismo foi um grande marco na cultura árabe em 30 de julho de 762 d.C., a dinastia *Abbasid* assume o poder do Império Muçulmano e Bagdá é fundada. Em Bagdá funcionava a *Bayt al Hikma*, ou "Casa da Sabedoria", onde textos do mundo todo e de todas as áreas do conhecimento eram traduzidos para o árabe, língua científica e cultural da época. Vários importantes pensadores da época se reuniam na cidade, e de lá vieram importantes contribuições para a filosofia e álgebra. Mais infelizmente em 1258 a cidade foi invadida pelos Mongóis que destruíram os museus, bibliotecas e tesouros históricos.

Depois no século XX em 1920, foi fundada a Biblioteca Nacional de Bagdá originalmente chamada de Biblioteca da Paz de Bagdá, a *Maktabat al-Salam* que sofreu um declínio com a negligência do governo de Saddam Hussein quanto à cultura e educação, pois o dinheiro era investido primariamente na guerra, em 1980. Ocorreram dois incêndios que causaram um enorme impacto na estrutura física e também no acervo. Foram destruídos: 60% dos arquivos, 25% dos livros entre eles alguns livros raros, jornais, fotos históricas e mapas. Alguns destes incêndios foram planejados e os seus possíveis autores seriam tanto pessoas leais ao regime de Sadam Husseim como pessoas leais ao antigo regime, em uma tentativa de destruir documentos políticos de ambas as partes. Além disso, foram perdidos inúmeros registros e documentos importante sobre a história do país, tais como os do Império Otomano e da ocupação britânica.

Uma outra significativa forma de destruição da memória foi chamada de *Bücherverbrennung* (queima dos livros) que foi realizada entre 10 de maio e 21 de junho de 1933 pelos nazistas como uma forma de propaganda do início do governo de Adolf Hitler. Em

2*fehgshu kengru* – a palavra *ken* é usualmente traduzida por "executado", mas seu significado literal é "enterrado vivo". (BATTLES, 2003, pág. 41)

várias cidades alemãs foram queimados, em praças públicas, milhares de livros que eram considerados inapropriado pelo regime nazista. Um total de 20.000 livros foram destruídos, entre as obras estavam autores já falecidos e também contemporâneos perseguidos pelo regime.

> Era um gesto simbólico, certo, porque nem mesmo os nazistas queriam destruir todo o patrimônio livresco de seu país. Mas são símbolos que importam. Temam aquele que destrói, censura, proíbe os livros: eles querem destruir ou cesurar nossa memória. Quando percebe que os livros são demasiados, e incapturáveis, e que a memória vegetal permanece ameaçada, então destrói memórias animais, cérebros, corpos humanos. Começa-se sempre pelo livro, depois instalam-se as câmaras de gás. (ECO, 2010, p. 25)

Toda estas ações humanas que causaram grande destruição da memória em diferentes pontos da história da humanidade mostram que algumas destas ações tiveram algum tipo de propósito, sendo de reescrever a memória ou pelo simples fato de destruir algo de que não se tem interesse, ou até de cesurar aquilo que determinado grupo de pessoas interpretaram como sendo inapropriado ou perigoso a sua difusão.

Segundo Hobsbawn em uma análise sobre a memória ele comenta o que considera a morte da memória:

> A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. (HOBSBAWM, 1995, p. 12)

Barros (2003, p. 76) afirma que “o registro da memória se dá por meio de texto, de som e de imagem, utilizando-se de técnicas e tecnologias diversas, de acordo com o tempo e o contexto, dentro do processo civilizatório do homem, nas suas diversas áreas de atuação e convivência”.

“A memória só faz sentido se, após organizada e tornada disponível ao público, puder ser disseminada por meio de produtos informacionais, de tal forma que se permita não só a socialização do conhecimento, mas também a produção de conhecimento inspirada no acervo constituído.” (BARROS, 2003, p. 79).

O valor da memória para a humanidade é de que além de ser lembrada, registrada e preservada, a memória também tem que ser funcional e difundida socialmente. Para que assim seja uma formadora de novos conhecimentos, guiando assim a humanidade para uma nova evolução.

2.2 *O documento é memória?!*

O significado de Documento segundo Cunha (2008) seria,

> "*documentary* BIB 1. Definição clássica: 1.1 Suporte de informação. Para Paul Otlet[3], documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é também, o filme, o disco e toda a parte documental que precede e sucede a emissão radiofônica. Ao lado dos textos e das imagens, existem objetos documentais por si mesmos (reália). São as amostras, os espécimes, modelos, fac-símiles e, de maneira geral, tudo que tenha carácter representativo em três dimensões e, eventualmente, em movimento." (CUNHA; CAVALCANTI, 2008)

O documento tomou-se algo de grande relevância no período do século XIX período da corrente filosófica do Positivismo[4]. Segundo Lefebvre (1971, p. 17): "Não há notícia histórica sem documentos" e ainda que "[…] dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se. O documento evolui e seu conteúdo cresceu tornado-se o principal registro da memória coletiva e validado pela data do registro."

> O termo latino *documentum*, derivado de *docere* 'ensinar', evoluiu para o significado de 'prova' e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents* e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. (LE GOFF, 2003, p. 526)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) obteve-se uma grande e rápida produção intelectual e em consequência deste momento histórico, a Ciência da Informação foi criada para organização, armazenamento e disponibilização destes documentos, com é afirmado por Le Coadic (1996),

---

3 Paul Otlet – Paul Marie Gislain Otlet nasceu em Bruxelas e graduou-se em direito pela Université Libre de Bruxelles. Porém, seu destaque se deve a outro ramo do conhecimento: a Documentação, área do saber do qual é considerado o pai16. Suas ideias acerca desta então nova área do conhecimento, oriunda da Biblioteconomia, floresceram no final do século XIX e ganharam mais vida no alvorecer século XX. O ano de 1934 é considerado um marco na divulgação dos seus ideais, pois foi quando se lançou o seu Traité de Documentation17, obra que discorre sobre os princípios da Documentação e sua importância para a organização da informação produzida pela humanidade (RAYWARD, 1975; RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997).

4 Positivismo – (in. *Positivism*; fr. *Positivisme*; al. *Positivismus*; it. *Positivismo*). Este termo foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia (*De la religion Saint-Simonienne*, 1830, p.3). Foi adotado por Augusto Comte para sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. (ABBAGNANO, 2001, p. 776)

> "as bibliotecas não conseguiam mais os meios necessários para o aperfeiçoado aceso para os mais variados documentos, em consequência disso houve o surgimento da Documentação que se diferencia da Biblioteconomia e da Arquivologia. Para responder esta nova demanda foram criadas novas tecnologias e técnicas de análise, descrição e resumo de documentos e a criação por Paul Otlet do Instituto Internacional de Bibliografia que depois passou a ser chamado de Federação Internacional de Documentação." Uma das técnicas criadas para organização e recuperação de documentos foi a Classificação Decimal Universal (CDU)[5]. (LE COADIC, 1996, p. 17).

Devido a este crescimento exponencial dos vários acervos e a dificuldade de administração dos mesmos Otlet (1934) afirma que:

> Sua massa enorme, acumulada desde o passado, que aumenta a cada dia, cada hora, com novas unidades em número desconcertante, até mesmo enlouquecedor. Deles como da língua, pode-se dizer que podem ser a pior e a melhor das coisas. Deles como da água que tomba do céu, pode-se dizer que podem provocar a inundação diluviana ou se espalhar em benfazeja irrigação. (OTLET, 1934, p. 4)

O documento é um registro datado da memória de um período da história, carrega informações que poderão formar novos conhecimentos.

> […] todos os nossos conhecimentos acerca do passado da Terra e dos seres vivos, do homem ou duma dada sociedade existente numa dada época e num dado território, todos os conhecimentos, em suma, que formam o conteúdo da história, só podem ser obtidos graças aos fósseis e a documentos/monumentos de todos os gêneros, ambos, por assim dizer, recordações coletivamente materializadas. (POMIAN, 2000, p. 509)

O documento carrega a memória da humanidade. Ao longo da história o homem registrou a memória em diferentes tipos de suporte.

> O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a "Idade Média ao Paleolítico" aparecem figuras onde se propôs ver "mitogramas" paralelos à "mitologia" que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a contemplação, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. (LE GOFF, 1996, p. 431)

---

5 Classificação Decimal Universal (CDU) – Decimal Universal (CDU) *Brussels Classification, Universal Decimal Classification* BIB/CLAS esquema de classificação que abrange todos os conhecimentos. Baseia-se na Classificação Decimal de Dewey. Foi sugerida inicialmente por Henri La Fonteine e Paul Otlet, na Primeira Conferência Internacional de Bibliotecários, realizada em 1895, na cidade de Bruxelas. É uma classificação extremamente flexível e é revista constantemente; Classificação de Bruxelas. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 132)

Segundo o Arquivo Nacional[6] o documento é toda a informação registrada em um suporte, que pode ser utilizada, por exemplo, para uma consulta, estudo, pesquisa, etc. E por ser um registro pode comprovar fatos, fenômenos e também o pensamento do homem numa determinada época ou lugar.

Todo documento é uma fonte de informação e possui algumas características distintas. Documentos de arquivo são todos os que são produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, no exercício de suas atividades. Constituem também elementos de prova ou de informação. Formam um conjunto orgânico, refletindo as atividades a que se vinculam, expressando os atos de seus produtores no exercício de suas funções. Assim, a razão de sua origem ou a função pela qual são produzidos é que determina a sua condição de documento de arquivo e não a natureza do suporte ou formato.

Documentos públicos são todos os documentos de qualquer suporte ou formato, produzidos e/ou recebidos por um órgão governamental na condução de suas atividades. São também documentos públicos aqueles produzidos e/ou recebidos por instituições de caráter público e por entidades privadas responsáveis pela execução de serviços públicos.

Documentos históricos são todos os documentos que registram o passado e que ajudam a contar e identificar a história de uma pessoa, de uma cidade, de um país. Através de consultas e pesquisas podemos encontrar os mais variados objetos e tipos de documentos.

Os registros de experiências pessoais conservadas pela escrita, segundo Cunha (2009), estão, quase sempre, relegados à invisibilidade – em velhos baús, queimados ou jogados no lixo –, dado seu caráter de "escritas ordinárias". Se protegidos em acervos pessoais, formam um corpo documental de inestimável valor como fonte histórica e podem fornecer informações e indícios sobre práticas cotidianas expressas em hábitos, costumes, valores e representações de uma época e, como tais, analisados a partir do conceito de "lugares de memória" (ALBERCA apud CUNHA, 2009).

A caracterização quanto ao gênero dos documentos podem ser definidos segundo o aspecto de sua representação nos diferentes suportes:

---

6 Arquivo Nacional – criado em 1838, é o órgão central do Sistema de Gestão de Documentos de Arquivos – SIGA, da administração pública federal, integrante da estrutura do Ministério da Justiça.
Tem por finalidade implementar e acompanhar a política nacional de arquivos, definida pelo Conselho Nacional de Arquivos – Conarq, por meio da gestão, do recolhimento, do tratamento técnico, da preservação e da divulgação do patrimônio documental do País, garantindo pleno acesso à informação, visando apoiar as decisões governamentais de caráter político-administrativo, o cidadão na defesa de seus direitos e de incentivar a produção de conhecimento científico e cultural. (ARQUIVO NACIONAL – MINISTÉRIO DA JUSTIÇA)

• documentos textuais: são os documentos manuscritos, datilografados/ digitados ou impressos;

• documentos cartográficos: são os documentos em formatos e dimensões variáveis, contendo representações geográficas, arquitetônicas ou de engenharia. Exemplos: mapas, plantas e perfis;

• documentos iconográficos: são os documentos em suportes sintéticos, em papel emulsionado ou não, contendo imagens estáticas. Exemplos: fotografias (diapositivos, ampliações e negativos fotográficos), desenhos e gravuras;

• documentos filmográficos: são os documentos em películas cinematográficas e fitas magnéticas de imagem (tapes), conjugadas ou não a trilhas sonoras, com bitolas e dimensões variáveis, contendo imagens em movimento. Exemplos: filmes e fitas videomagnéticas;

• documentos sonoros: são os documentos com dimensões e rotações variáveis, contendo registros fonográficos. Exemplos: discos e fitas audiomagnéticas;

• documentos micrográficos: são documentos em suporte fílmico resultante da microrreprodução de imagens, mediante utilização de técnicas específicas. Exemplos: rolo, microficha, jaqueta e cartão – janela;

• documentos informáticos: são os documentos produzidos, tratados e armazenados em computador. Exemplos: disco flexível (disquete), disco rígido (winchester) e disco óptico.

Roncaglio; Szvarca; Bojanoski (2004, p. 3) afirmam que devido a uma grande preocupação e interesse para com a preservação de documentos, os arquivistas determinaram três fases ou ciclos da vida para o documento e dos valores que estarão relacionados em cada ciclo. As três fases da vida do documento são: o primeiro ciclo, denominado corrente, que corresponde ao valor administrativo; o segundo ciclo, denominado intermediário, que corresponde ao valor probatório e/ou legal do documento; e o último ciclo, denominado permanente, quando o valor histórico e científico se sobrepõe ao demais valores.

O conceito de preservação de documento consta em uma definição do documento *Memória del Mundo – directrices para la salvaguardia del patrimônio documental*[7] emitido pela UNESCO que trata da preservação como sendo a soma das medidas necessárias para garantir a acessibilidade permanente – para sempre – do patrimônio documental. A preservação inclui a conservação, que é o conjunto de medidas específicas que visam evitar

7 UNESCO. **Memoria del Mundo: Directrices**. Paris, 2002, p. 10.

uma deterioração posterior do documento original e que requerem uma intervenção técnica mínima.

Já segundo Hazen (2001) o conceito de preservação pode ser entendido por três tipos principais de atividades.

> O primeiro tipo concentra-se nos ambientes de biblioteca e nas maneiras de torná-los mais apropriados a seus conteúdos. O segundo incorpora esforços para estender a vida física de documentos através de métodos como desacidificação, restauração e encadernação. O terceiro tipo envolve a transferência e de conteúdo intelectual ou informativo de um formato ou matriz para outro. (HAZEN, 2001, p. 8)

Segundo Chagas (1994) "a museologia também possui uma preocupação e conceitos de preservar, investigar e comunicar as informações contidas nos documentos/objetos que estão presentes em suas instituições de memória cultural."

Afirmação reforçada por Cândido (2006) que diz que tais instituições possuem a responsabilidade de armazenar as informações individuais sobre os objetos, por meio de palavras e imagens, bem como ampliar os conteúdos documentais existentes (textuais e iconográficos), e disponibilizar a base de dados para consultas internas e externas.

Como foi visto para uma melhor preservação do documento temos que levar em consideração os diferentes tipos de suportes a qual este documento pertence e qual a melhor técnicas para ser utilizada, tendo em vista o máximo prolongamento da vida útil do mesmo.

Depois de analisar sobre o significado de documento e o seu surgimento na história, passando para sua produção em massa em consequência da Segunda Guerra Mundial e o surgimento de técnicas para organização dos mesmos, pode-se finalmente perceber que o documento carrega o registro da memória, independente do suporte que estiver registrado esta memória. Chegamos a uma conclusão que realmente o documento pode ser considerado memória. Um conceito reforçado por Cunha (2007) que afirma que:

> "[…] um corpo documental de inestimável valor como fonte histórica e podem fornecer informações e indícios sobre práticas cotidianas expressas em hábitos, costumes, valores e representações de uma época e, como tal, analisados a partir do conceito de lugares de memória."

3 O ÁLBUM DE DEDICATÓRIAS *AUTOGRAPHOS CONTEMPORANEOS 1865*, UMA INCÓGNITA AO FUTURO

A memória se refere às lembranças ou recordações de algo que no passado ocorreu, que o homem através de experiências ouvidas ou vividas, transformam-nas em aprendizagens que posteriormente poderão ser transformadas em conhecimentos, que serão utilizadas para o desenvolvimento intelectual, tomadas de decisões ou na produção de novas ideias.

O ser humano não é o único portador de memórias, alguns objetos também possuem este tipo de representação memorial.

> A memória é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos. […] qualquer fragmento de um ser ou de um objecto inanimado que, tal como uma imagem objectiva, pode ser transmitido de indivíduo para indivíduo, de geração para geração. (POMIAN, 2000, p. 508).

Mas o que seria um objeto?

> Etimologicamente, *objectum* significa lançado contra, coisa existente fora de nós, coisa disposta diante, com uma característica material: tudo o que se oferece à vista e afeta os sentidos (Larousse). Os filósofos tomam o termo no sentido do que é pensado e se opõe ao ser pensante ou sujeito. (BAUDRILLARD, 2008, p. 13).

Segundo Pomian (2000), o objeto tem que perder sua utilidade para fazer parte de uma coleção, ou seja, ser promovido a um objeto de coleção, ganhando um valor. E é este objeto de coleção que também nos relata fatos da vida de seu colecionador.

> Os objetos das coleções, além de "máquinas do tempo", também podem incorporar inúmeros valores. Este valor incorporado pelos objetos pode funcionar também com um relato histórico, onde a coleção passa a revelar inúmeros fatos, da vida de seu colecionador, mais que ao mesmo tempo, nos ajudam a compreender os fatos que marcaram uma época. Pois colecionaremos sempre a nós mesmos. (BAUDRILLARD, 1989, p. 99).

Que é reafirmado por Benjamin (2009), "é decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas a fim de travar a relação mais íntima que pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante."

A Morin (apud BOSI, 1994), nos apresenta dois tipos distintos de objetos. Os objetos biográficos e os objetos protocolados: os objetos biográficos são aqueles que envelhecem com seu possuidor por representar uma experiência de vida, mais que um sentimento estético ou

utilidade posicionam e identificam o indivíduo no mundo. Exemplo: um relógio de família. Já os objetos protocolados são aqueles que têm garantia do tempo que dura a moda não envelhecem com o dono, se deterioram e são substituíveis.

Como já foram comentados, os objetos carregam memórias, mais alguns deles são os melhores representantes para se demostrar a essência de seu proprietário ou possuidor. Os álbuns são um bom exemplo de objeto memorial, sejam eles de figurinhas, fotos, autógrafos ou dedicatórias, etc.

Álbum, segundo o Dicionário de Etimologias da Língua (GUERIOS, 1979, p. 9) entre os romanos, álbum, *album praetoris*[8], "o branco", era "uma tábua branca ou braqueada com gesso que se fixava na praça pública, e na qual se escreviam em letras pretas as atas do governo." "Os cartazes dos particulares deviam fazer-se em tábuas de cor que não fosse a branca. Era em tábuas desta espécie dos reis e os acórdãos do senado. O edito (*edictum*) que o pretor publicava ao tomar posse do cargo e no qual expunha os princípios pelos quais propunha regular-se, era também escrito por extenso no álbum em letras maiúsculas." "As leis que se propunham eram também escritas em tábuas chamadas álbum ou *tubula* (tábua) que se levava para o Campo de Marte no dia dos comícios. Mas além dos editais chamados *album*, com este nome de signava-se ainda uma lista em que estava escrito o nome dos juízes" (F. De Carvalho). Na Idade Média por álbum se entendia-se o registro ou catálogo de santos, funcionários públicos, etc.

No séc. XVII, na Alemanha literatos, apresentam o *album amicorum*[9] ("álbum dos amigos"), solicitavam o autógrafo de sábios ou personalidades importantes por eles visitados nos lugares por onde passavam. E desde o séc. XVIII, também na Alemanha, o *álbum*, além de servir para registro genealógico, passou a ser livro manuscrito de impressões, reminiscências, pensamentos, poesia, etc. Este uso passou, com o *álbum*, da Alemanha para Portugal e para outros países. Fr. Domingos Viera no *Grande dic*. port., Porto, 1871, afirma que o uso do álbum "nos veio da Alemanha".

---

8 *album praetoris* - (trad.) Um quadro branco no qual o decreto pretoriano era publicamente anunciado junto com suas regras legais, procedimentos (ações, exceções, interditos) e medidas pretorianas. Um pleiteante que quisesse processar seu adversário poderia levá-lo ao *album* e lá indicar a ação que ele deseja aplicar contra o réu. (BERGER, 1953, p. 359)

9 *album amicorum* – (trad.) O *amicorum álbum* ou "livro de amigos" teve origem na Alemanha em meados do século XVI e muito rapidamente se tornou moda entre os estudantes que se deslocam de uma universidade para outra no curso de suas carreiras acadêmicas. Professores, bem como colegas fizeram sua contribuição para essas páginas e alguns dos álbuns contêm inscrições por grandes estudiosos da época. (*THE ELECTRONIC LABYRINTH)*

Segundo (Galan Gall; Abarca (2004), uma definição do que seria um álbum de autógrafos: manuscrito que consiste em autógrafos e textos de diferentes autores que também podem ser incorporados materiais pictóricos e musicais, que tem como objetivo o elogio ao destinatário. A confecção de um álbum pode ser baseada numa iniciativa do próprio proprietário do álbum ou de alguém próximo a ele.

Um exemplo de *album amicorum* era o de Jacob Heyblocq. Segundo a Biblioteca Mundial Digital, na época de Jacob Heyblocq (de 1623 a 1690), livros de amizade (chamados por seu nome latino: *alba amicorum*), eram populares entre os estudantes que viajavam de universidade para universidade. Estudiosos viajantes levavam consigo os livros em suas turnês universitárias. Quando encontravam figuras notáveis que gostariam de lembrar, pediam a essas pessoas para escreverem uma breve inscrição no livro. As inscrições geralmente consistiam de breves citações e expressões de amizade, com a data e assinatura. Às vezes os alunos tinham seus retratos ou o brasão da família desenhados no livro. O *album amicorum* acompanhava os estudantes ao longo de sua carreira acadêmica e geralmente depois da conclusão dos estudos se perdia dentro de uma gaveta. Jacob Heyblocq teve uma atitude diferente. Ele estudava teologia em Leiden, quando começou seu livro em 1645, e sua declaração na primeira página deixa claro desde o início que ele queria que o livro fosse muito mais do que um livro de amizade casual. Escrito em latim, Heyblocq se dirigia às pessoas "mais importantes, cultas e nobres" de seu tempo e declarou que o seu único e maior prazer na vida, além de cumprir com todas as suas obrigações, era ler as contribuições nos álbuns. Ele pediu aos "maiores pensadores deste século e a mais alta realeza" para escreverem suas "brilhantes contribuições" neste "audacioso livro", e prometeu que as palavras escritas continuariam vivendo após a morte de seus autores. Heyblocq seguiu suas ambições com determinação. Após concluir seus estudos, ele passou a ensinar na escola de latim no canal Nieuwezijds (Novo lado), em Amsterdã. O século XVII foi uma época de ouro para Amsterdã, em que essa cidade de classe mundial viu o florescimento da ciência, da cultura e das artes. Por volta de 1660, Hecblocq se tornou diretor de sua escola de latim, uma posição que o colocou em contato com a elite cultural de Amsterdã, incluindo poetas, professores, artistas e pintores. Ele pediu para que todos eles contribuíssem com seu *album amicorum*. O índice apresenta o nome de todos os que aderiram ao seu pedido. A maioria das contribuições vai muito além das habituais expansões de amizade. Muitos poemas foram compostos no próprio local, especialmente para o álbum, e em geral em holandês ou latim. Aforismos e versículos da Bíblia, em latim, grego e hebraico, também aparecem entre os escritos. Estas ilustres

contribuições tornam o volume o exemplo mais rico e belamente ilustrado do *album amicorum* na história holandesa.

No século XIX, se dava uma grande importância para a confecção de álbuns de autógrafos[10], o que representou um símbolo de prestígio para cultura burguesa da época mais especificamente para as mulheres.

No século XX, esse álbum de autógrafos evoluiu para outras formas variadas. Exemplos são os livros de assinaturas, visitas e comentários sobre uma exposição de arte. Também não se pode deixar de notar as páginas web, em que o usuário visita o site e tem a possibilidade de fazer um comentário e assinar o seu nome na página, de modo que esta seria a corrente mais moderna do que foi os álbuns de autógrafos.

O álbum não só representa elemento de análise literária, arte e poesia de seu tempo, mas também é uma amostra da singularidade de uma sociedade. E se baseando no significado e singularidade de que os álbuns representam, faremos uma análise do álbum de dedicatórias *Autographos Contemporaneos 1865.*

Dedicatória é uma inscrição ou conjuntos de palavras com que se dedica ou oferece a alguém uma produção literária ou artística. (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM ACORDO ORTOGRÁFICO, 2003-2016).

> Ela [a dedicatória] é também uma figura pela qual o príncipe se lê louvado como o inspirador primordial, o autor primeiro do livro que lhe é apresentado – como se o escritor, ou o sábio, lhe oferecesse uma obra que, de fato, é dele. Nessa figura extrema de soberania, o rei (sic) se torna poeta ou sábio, e sua biblioteca não é mais apenas um tesouro que preserva riquezas ameaçadas, ou uma coleção útil ao público, ou ainda um recurso para prazeres particulares. Ela se transforma num espelho onde se reflete o poder absoluto do príncipe. (CHARTIER, 2000, p. 199)

"Ao contrário do cartão que acompanha, digamos, um suéter, do qual é provável que se separe logo, um livro e sua dedicatória estão casados para sempre. Isso pode ser tanto uma benção quanto uma praga." (FADIMAN, 2012, p. 60).

A capa do O *Autographos Contemporaneos 1865* é confeccionado, em couro preto com dois fechos de metal e um brasão no centro, também em metal, com o nome do álbum e a data de sua criação.

---

10 Autógrafo – *adj. (gr autógraphos)* 1. Que é escrito pelo próprio punho do autor. 2. Que reproduz os manuscritos. (MICHAELIS, 1998, p. 265)

Figura 1 – Capa do álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Ao iniciarmos nossa análise sobre o conteúdo desta obra, somos transportados a uma viagem temporal tentando desvendar o significado e as particularidades contidas dentro desta obra.

Na página 2, somos agraciados com uma bela ilustração de autoria desconhecida de três Musas.

Figura 2 – Musas

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

> E por meio das Musas e de sua arte que uma dimensão nova e maior se revela, descrevendo uma imagem do cosmo anteriormente desconhecida, e na qual a existência individual aparece numa perspectiva inteiramente diferente da de sua experiência cotidiana. (KRAUSZ, 2007, p. 19)

Na página 4, observamos uma ilustração feita por Resende. Porto 8/7/69/. Francisco José de Resende (1825-1893), era pintor, escultor e professor de belas-artes. (UNIVERSIDADE DIGITAL / GESTÃO DE INFORMAÇÃO, 2010). "Camões salvando os Lusíadas" é uma representação da lenda[11] que diz que durante sua jornada Luís Vaz de

11 Sobre a lenda de Camões que conseguiu salvar o manuscrito de Os Lusíadas. Por ser uma lenda existem várias versões deste ocorrido. Uma outra versão desta lenda seria a de que em vez de segurar com uma das mãos o manuscrito é nadar com a outra, Camões teria utilizado a boca para segurar o manuscrito de Os Lusíadas.

Camões em seu navio sofreu um naufrágio e que Camões conseguiu salvar o manuscrito de Os Lusíadas[12], segurando com uma das mãos e nadando com a outra.

Figura 3 – Camões salvando os Lusíadas

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Na página 5, uma ilustração de um barco a vela e sua tripulação feita por L. Tomasini, 1867. Luís Ascêncio Tomasini, (1823-1902) em suas obras Tomasini centrou-se em suas inúmeras viagens, pois com já estava muito familiarizado com as viagens marítimas por sua profissão ter sido de capitão de navios. Depois de abandonar a vida marítima dedicou-se à pintura. Expôs suas obras em diversas instituições importantes, tais como a Academia Real de Belas-Artes (1861), a Sociedade Promotora de Belas-Artes (1862 e anos seguintes), Internacional do Porto (1865), onde foi reconhecido com alguns prêmios. (*ARCADJA AUCTIONS RESULTS,* catálogo 30).

12 Os Lusíadas – em Portugal, Luís Vaz de Camões foi o mais importante escritor da Renascença. Publicou, em 1572, o poema épico *Os Lusíadas*, em que homenageia as conquistas marítimas portuguesas. Composto em versos decassílabos, o poema adota um tom grandiloquente e toma como modelo as epopéias greco-romanas como *Eneida*, de Virgílio e a *Ilíada,* de Homero. (TORRALVO; MINCHILLO, 2001, p. 20)

Figura 4 – Barco a vela

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Prosseguindo encontra-se uma dedicatória de A.F.C […][13].

> Album, que vem não sei donde; que pertence não ~~a~~ sei a quem; que me procuras antes dos mais, não porquê!
>
> Avejão branco, tu que pretendes de mim?
>
> Que te inicie nas letras? Se adivinhasses o que ellas custam, e o que ellas rendem; o quanto ellas amam, e o quanto o mundo as maltrata; o quanto aspiram a bemfazer, e o quanto as forçam a malfeitorias… deras parabens á tua sorte, por não te poderem ainda accusar de uma unica letra.
>
> Vens para que eu te baptise, e te introduza na communhão dos álbuns? E' quereres passar da tua immaculada innocencia viginal ao viver peccaminoso contra a poesia e a proza, contra o gosto e a grammatica!
>
> Retira-te pois, pobre livro, por ora innocente. Torna-te para donde vieste: Some-te. Fecha-te. Sê o livro dos quatorze sellos. Faze para todo sempre o que já de annos está fazendo quem te dá este conselho de amigo e de experimentado.
>
> Entre as arvores do Tibur[14]
>
> 22 de agosto de 1865.

13 O álbum Autographos Contemporaneos 1865 é composto de dedicatórias de vários autores que possuem diferentes tipos de caligrafias e algumas destas caligrafias de difícil compreensão. Para algumas palavras que não foi possível a sua compreensão será utilizado o seguinte símbolo: […].

14 Tibur – (trad.) antigo nome de Tivoli. (DICTIONARY, 2016)

[Ass.] A. F. C. [...]

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 6)

Antonio da Silva Tullio (1818-1884), nasceu em Lisboa, foi um oficial da seção dos manuscritos e dos jornais políticos e literários da Biblioteca Nacional de Portugal, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Era também escritor e historiador. (SILVA, 1858. v. 1, p. 271-272).

> Para que este álbum não seja mais um algoz da poesia e da prosa, como seria o grande engenho que o estreitou, limito-me a subscrever a meu voto, conformando-me com a tenção de juiz, tão douto, experiente e desenganado.
>
> Lisboa de setembro 1865.
>
> [Ass.] A. da Silva Tullio.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 8).

Na página 9, temos uma ilustração de uma cruz feita por Silva Junior.

Figura 5 – A cruz

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Júlio César Machado (1835-1890), nasceu em Lisboa, foi um escritor português. Escreveu biografias, comédias, contos, crônicas, dramas e romances. Trabalhou como folhetinista no *Diário de Notícias* e colaborou com alguns textos da sua autoria no *Paquete do Tejo* (1866-1867), *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859-1865), *Renascença* (1878-1879) e *Ribaltas e Gambiarras* (1881). Com o apoio de Camilo Castelo Branco publicou no jornal "*A Semana*" o seu romance "*Estrela d'Alva*" em formato de folhetim. Júlio César Machado em sua dedicatória faz uma reflexão sobre a desigualdade que não estaria nas riquezas, nem nas alegrias e muito menos nas dores. Pois a pessoa é verdadeiramente feliz enquanto ainda não foi em busca de um álbum. (SILVA, 1858. v. 5, p. 160).

> O que o destino distribuiu com maior desigualdade não foi as riquezas, nem as alegrias, nem as dôres, - foi os albuns. Felizes, felizes aqueles, que jamais um album procurou!..
>
> 7, Outubro, 65.
>
> [Ass.] Julio Cersa Machado.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 10).

Na página 11, a ilustração de um navio com uma bandeira da época do Regime Constitucional (1821-1822) feita por João Pedroso Gomes da Silva (Lisboa, 1825-1890) que foi um pintor, gravador e desenhista português, especializado na retratação de navios. (WIKIPÉDIA)

Figura 6 – Navio

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825-1890), nasceu em Mártires, Lisboa, foi um dos escritores mais profícuos do segundo Romantismo português. Poeta, panfletário, polemista, prefaciador, crítico, tradutor, romancista, dramaturgo, bibliógrafo, historiador, cultor de todos os gêneros. O conjunto da sua obra literária é o mais vasto e diversificado de todo o século XIX. No romance, gênero que mais abordou (publicou cinquenta e quatro romances). Foi ainda o 1.º Visconde de Correia Botelho, título concedido pelo rei D. Luís. Foi um dos escritores mais prolíferos e marcantes da literatura portuguesa. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE AUTORES PORTUGUESES, 2005).

Voto

Irmãos que, d'alem-mar, mandais á pátria
Saudade e saudaçoens aos filhos d'ella,
Que posso-dar-vos eu, coraçoens nobres?
Riquesas de sentir em rimas pobres,
Ardentes oraçoens à vossa estrella:
Que vos doire o existir; e, em cedo, traga
A' docê sombra da arvore saudosa,
Ao murmurio da fonte conhecida,
Aos afagos da mãe estremecida
As delicias da pátria carinhosa.
Porto 28 de outubro de 1865

[Ass.] Camillo Castello Branco

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 12)

José Cardoso Vieira de Castro (1837-1872), nasceu em Luanda, foi um escritor e político português que teve uma carreira meteórica, que terminou com sua morte aos 35 anos de idade depois de um crime passional que emocionou os círculos cultos portugueses e brasileiros. Foi um dos indefectíveis amigos de Camilo Castelo Branco, cuja obra em muito contribuiu para perpetuação da memória do malogrado escritor condenado pelo assassinato da esposa e por isso degredado em Angola, onde faleceu. (WIKIPÉDIA).

> Entre o berço e o tumulo uma luz hei que nos guia sempre, e que ninguém sabe aonde nasce, nem aonde morre: é a esperança! Rio de Janeiro.
>
> 4 de 9brio de 1866.
>
> [Ass.]Vieira de Castro.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 13).

Dedicatória de Ernesto Christo.

> "Quer o leitor duas brilhantes surprezas? Volte depressa esta pagina."
>
> [Ass.] Ernesto Christo
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 14).

Dedicatória de Menezes […].

> Lisboa é como o abysmo; em parte atrae e mete;
>
> Fascina, prende e algema o eterno burburinho!…
>
> Feliz, oh! bem feliz a que grilhão desata
>
> e pode vida fugir buscando a pátria minha
>
> Lisboa 12 de setembro de 65.
>
> [Ass] Menezes […]
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 14][15])

José da Silva Mendes Leal Junior (1820-1886), nasceu em Lisboa, foi bibliotecário mór da Biblioteca Nacional de Lisboa, Deputado das Cortes em 1851 e 1858, sócio efetivo e Secretário da 2.ª classe da Academia Real das Ciências de Lisboa, Membro do Conservatório Real, e de outras Associações científicas e literárias de Portugal e Brasil, etc. (SILVA, 1858, v. 5, p. 127-133).

15 – O álbum *Autographos Contemporaneos 1865* é numerado de 2 – 90, somente no averso das folhas, possuí 16 páginas sem numeração no início. Ex.: [14 p.] podemos afirmar que as páginas não numeradas estão associadas com as seções adjacentes, e as 16 páginas sem numeração no início possuem registros em suas páginas. (MESSINA-RAMO, 2011, 136 p.)

Aos que, longe da patria, a patria adoram,

E, mais potente o amor do que os espaços,

Penam-lhe o mal, os jubilos lhe- enflaram,
saude e paz, e o coração, e os braços!
Lisboa, em 25 de Septembro de 1865.

[Ass] Jose da Silva Mendes Leal

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 15)

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), nasceu em Lisboa, foi Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada posteriormente nomeado Comendador da mesma Ordem por Decreto de Abril de 1858, Bibliotecário de Sua Majestade, Deputado das Cortes na Legislatura de 1841. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa e da Real Academia de História de Madrid, e da Academia B. das Sc. de Turim, Membro do Instituto História da França, etc. Algumas de suas obras foram: *A Voz do Popheta. Ferrol* 1836, *A Harpa do Crente: Tentativas poeticas pelo auetor da Voz do Propheta,* 1.ª, 2.ª e 3.ª série*, Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres.* Lisboa, na Typ. Da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis 1841*,O Monasticon: tomo I.- Eurico o Presbytero.* Lisboa, na Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis 1844*, Poesia.* Lisboa, na Imp. Nacional 1850*,* etc. (SILVA, 1858. v. 1, p. 34-37).

Memoria posthuma

De um desses insensatos, sublimes ou ridículos,
Chamados homens de letras,
Morto para dolorosas vaidades,
Redivivo para a paz do espirito,
Esperando,
Na serra e, depois, debaixo della,
A' sombra do esquecimento,
O Cervantes da classe a pertenceu.
Septembro 30-1865

[Ass] A. Herculano

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 15])

Na página 16, podemos observar uma ilustração de um homem tocando violino para duas crianças esta ilustração foi assinada por Rodrigues, 1865. A ilustração é uma réplica da

pintura original de José Rodrigues (1828–1887) que se chama *Cego Rabequista* de 1855 que está no Museu Nacional de Arte Contemporânea de Chiado localizado no centro de Lisboa.

Figura 7 – Cego Rabequista

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Manuel Joaquim Pinheiro Chagas ou Pinheiro Chagas (1842-1895) nasceu em Lisboa, foi o último grande nome da primeira geração de críticos literários que Portugal conheceu e também o mais celebre, o "fiel inimigo" de Eça de Queirós[16], o qual o crismou de "brigadeiro Chagas", reprovando-lhe o seu patrioteirismo agarrado ao passado. Com efeito, muito do sucesso do trabalho de Chagas junto do público deveu-se à sua capacidade para – no teatro, na historiografia, na política, na novela, na poesia – tocar com sucesso as cordas mais patéticas da sentimentalidade portuguesa do seu tempo. Isso mesmo torna-o uma leitura um pouco frustrante, hoje, devido ao sucesso posterior do estilo e da atitude de Eça junto do mundo literário (e da cultura em geral) de Portugal. Mas, o seu trabalho inicial no jornalismo literário merece consideração por aí se encontrar já tudo o que depois viria a celebrizá-lo, mas ainda

16 Eça de Queirós – Nascido na Póvoa do Varzim (25 de Novembro de 1845), Eça de Queiroz desenvolveu a sua vida literária entre meados dos anos 1860 e 1900, quando, a 16 de Agosto, morreu em Paris. Nesse lapso temporal, Eça marcou a cena literária portuguesa com uma produção de alta qualidade, parte dela deixada inédita à data da sua morte. (FUNDAÇÃO EÇA QUEIROZ)

numa forma muito primitiva e ingênua (os dois volumes de crítica, *Ensaios Críticos* e *Novos Ensaios Críticos*. (WIKIPÉDIA)

> Encerne este album duas amargas lições; Alexandre Herculano e Castilho, os dois maiores vultos de nossas modernas litteratturas, inscreveram aqui, Herculano o epitáphio amargamente início de suas gloriosa carreira, Castilho o desanimaram epilogo do poema dos seus triunphos litterários. Os dois eremitérios, onde esses grandes genios procuram alvidar as torpezas do mundo que atravessaram, são capitólio que o Portugal do seculo XIX reserva aos filhos, que honram a patria, e que rasgam ainda as trevas, que a envolvem, com um reflexo de aurèolo! O Portugal do século XVI era mais franco, deve o hospital a Camões! o do seculo XVIII deve o carcere a Garção! O carcere e o hospital. Isso entende-se os dois verdugos que apresentam com fraquezas; e que dão ao padecente o direito de gritar; e à posteridade o direito de o viajar! [..]
>
> Eis o magico espetaculo, que se depõe áquelles, que, como eu, mal pozeram o pé na via dolorosa!
>
> Eis o Elysio a que podemos chegar depois de termos luctado metade da vida com os cerberos dos [...] ! Eis o pomo d'oiro que poderá colher quem tiver domado o dragão das criticas malevolas! Cousadoras perspectivas
>
> Eis, mineiro osbcuro, voltes de novo á tua tarefas inglorias! Trabalhes, lides, estudes, ao longo, e quê [...] causa-te, e regale os olhos com a espleudide miragem que te sorri te mostra no futuro um Tibur de seis coures, um capitolio n'um sexto andar, e o teu nome inscripto no Pantheon da terceira pagina d'um jornal, em necrologio com epigraphe em latim, e vinhetas de choroso archanjo, entre um protesto contra uns cães vadios, e o anúncio de descobertas d'uns novos pós insecticidadas! Lisboa 4 d'outubro de 1865
>
> [Ass] M. Pinheiro Chagas
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 17)

Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), nasceu em Aver-o-Mar um município da Póvoa de Varzim, Portugal, foi ajudante do Escrivão da Pagadoria geral do Ministério Marinha com a graduação de Tenente da Armada Nacional, e segundo Oficial da Secretaria da Junta Geral da Bulla da Cruzada; Sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, etc. (SILVA, 1858. v. 2, p. 385-386).

> Se os que o genio elevou ao capitolio,
> Sem passar pela via dolorosa,
> Depois de lá chegar, cospem no sabio,
> Maldizendo a carreira gloriosa:
> Se os que a justiça imparcial escuda,
> Julgando-as diginas d' immortal memoria,

Zombam da posteridade que os saúda
E dizem duvidar da própria gloria:
O que hade ser do operario obscuro
Que há tão compridos annos os seguia,
E tomando-os por mestres de futuro
Por sua lei padeceu té a agonia?
O que hade ser? - O que é.-Cabir na arena,
Victima inutil de mortal fadiga;
Sem duvidar nem crer, sahir da scena
Abençoando a sepultura amiga.

21 de outubro de 1865

[Ass] F. Gomes de Amorin

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], 18 p.)

Raymundo Antonio de Bulhão Pato (1828-1912), nasceu em Bilbau ou Bilbo (Espanha), foi Amanuense da Secretaria do Estado das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, etc. Foi um poeta, ensaísta e memorialista português. (SILVA, 1858. v. 7, p. 50-51).

Exprime a dór - uma lágryma;
Mas do retorno extremo do prazer.
Tambem a vos da eloquencia
Uma lagryma há-de-ser!
Adeus! parte; volver a America,
E quando vires os teus.
Por entre o veu de uma lágryma
Que feliz seraís!!... Adeus!
Outubro 6. 1865

[Ass] Bulhões Pato

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 18])

Nas páginas 19 e 20 do álbum existem folhas de pauta para partituras em branco.

Guilherme da Silva Braga (1845-1874), foi um tribuno e poeta português. Nascido na Rua de Sant'Ana, no bairro da Sé do Porto, Guilherme Braga era irmão de Alexandre Braga.

José da Silva Braga, tio de Alexandre Braga, filho e amigo de infância de Alberto Pimentel. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, Guilherme Braga foi redator-chefe da Gazeta Democrática, tendo-se correspondido com Victor Hugo. Traduziu o Átala de

François-René de Chateaubriand, colaborou em diversas revistas e jornais, tais como Giralda, Diário da Tarde, Nacional e Luta.

A sua obra poética mostra constantemente o tema obsessivo da morte, pressentida dia a dia, expressa de forma tão coloquial que chega a lembrar Cesário Verde. Cultivou, também, a temática social e humanitária, de inspiração victor-huguana, e o lirismo amoroso, de tonalidade parnasiana. Nos seus versos, Guilherme Braga era violento contra os falsos ministros da religião, entusiasta apaixonado pela liberdade, de grande sensibilidade e ternura ao descrever as alegrias do lar. Deixou publicado o seguinte: *Ecos de Aljubarrota*, Porto, 1868; *O mal da Delfina, parodia à Delfina do mal, por um homem de bem*, Porto, 1869; *Heras e violetas*, Porto, 1869; *Os falsos apóstolos*, *O Bispo*; traduziu o *Átala* de Chateaubriand, colaborou na *Giralda*, *Diário da Tarde*, *Nacional*, *Luta*, etc. (PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO, Volume II, p. 437).

Irmão, que vives na aurora,

Bem haja o feliz acaso

Que você recordar-te agora

O irmão, que vive no occaso

Porto, 2 de novembro de 1865.

[Ass] Guilherme Braga

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 21)

Dedicatória de Fernando Carliço.

Aos que vivem sem pátria, aos que a negrura
Ao exilio, tras de luto o coração…
Que Deus lhes dê por fim... a sepultura
Onde a mãe lhes serveis... no pátrio chão.
Rio 12 março 1866

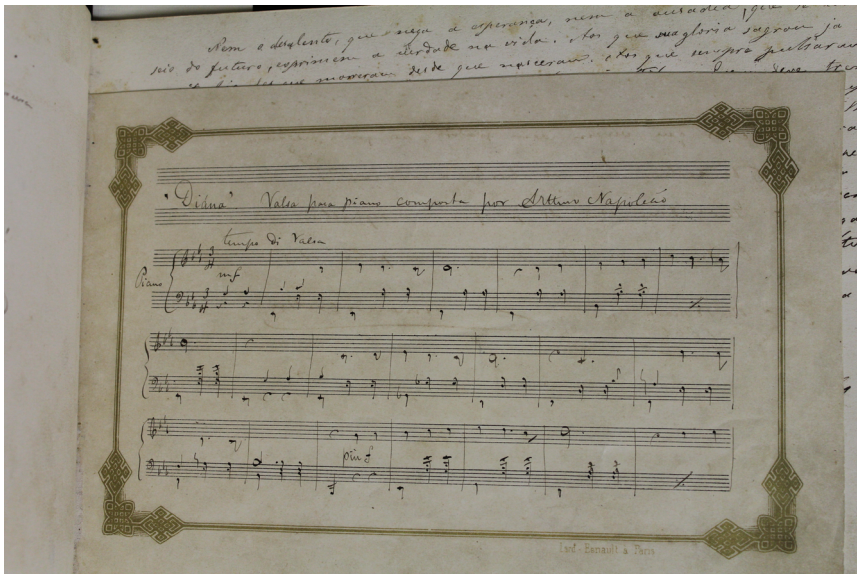
[Ass] Fernando Carliço

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 21])

Na página 22, possui uma partitura com uma música chamada Diana' Valsa para piano criada por Arthur Napoleão.

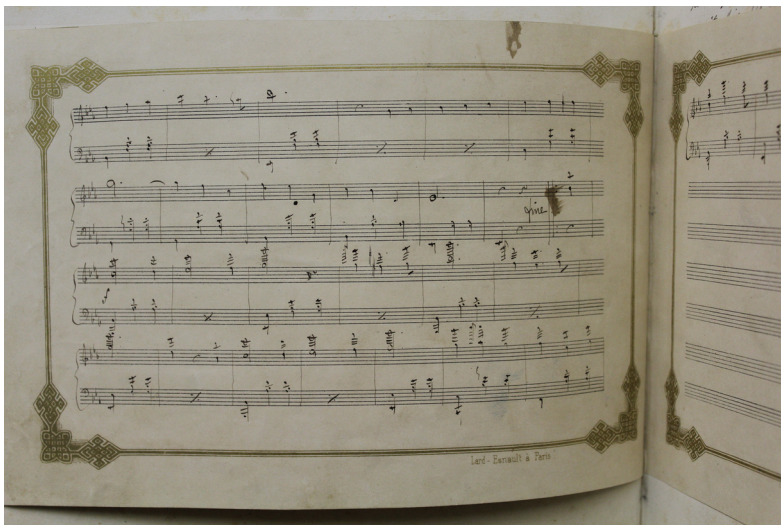
Segundo a Academia Brasileira de Música, Arthur Napoleão dos Santos nasceu no Porto, Portugal, em 06 de março de 1843. Seu pai, Alexandre Napoleão, foi pianista e professor particular do instrumento. Menino prodígio, seu primeiro recital de piano aconteceu em 1849, quando tocou a quatro mãos com seu pai em apresentação privada. No ano seguinte começaram as apresentações públicas. Em Portugal se apresentou, dentre outros lugares, na Sociedade de Concertos do Porto e no Teatro São Carlos de Lisboa. A partir de 1852 passou a excursionar pela Europa e também pela América, merecendo elogios de grandes personalidades musicais, como do compositor Hector Berlioz em crônica publicada no *Journal Des Débats*, após concerto de Arthur Napoleão em Paris. Sua carreira não se limitou à de solista, sendo importante sua atuação como camerista em duo com dois dos maiores violinistas de sua época: Henri Vieuxtemps e Henryk Wieniawski.

Figura 8 – Partitura 1



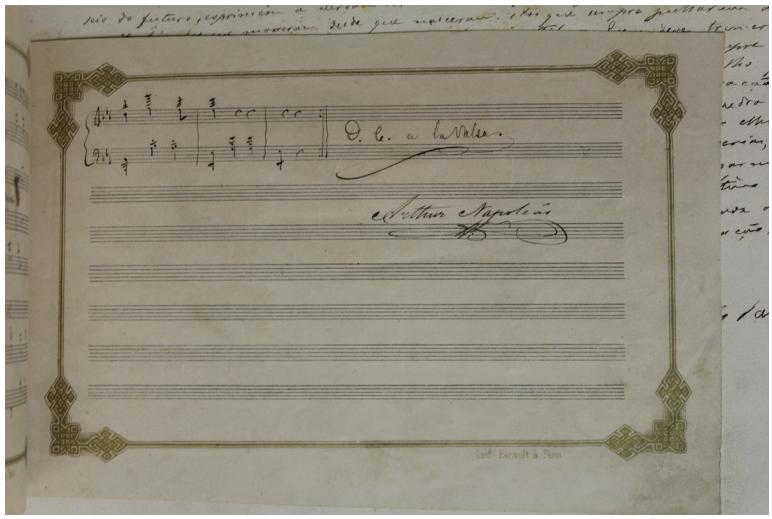
Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Figura 9-Partitura 2



Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Figura 10-Partitura 3



Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Localizado atrás da partitura de Arthur Napoleão no álbum, existe uma dedicatória de Luís Augusto Rebello da Silva.

Luís Augusto Rebello da Silva (1822-1871) nasceu em Lisboa, foi um jornalista, historiador, romancista e político português, colaborador ativo de múltiplos periódicos e membro das tertúlias intelectuais e políticas lisboetas da última metade do século XIX. Foi

um dos primeiros professores do Curso Superior de Letras, fundado em 1859 por D. Pedro V, lecionando a cadeira de História. Colaborando em múltiplos jornais e revistas, Rebello da Silva afirmou-se como o mais prolífico dos escritores românticos portugueses, distinguindo-se ainda como orador e político, tendo exercido, entre outros, os cargos de deputado, par do Reino e ministro. Foi pai de Luís António Rebelo da Silva, cientista e professor de Agronomia, que lhe sucedeu na Câmara dos Pares. (SILVA, 1858. v. 5, p. 228-232).

> Nem o desalento, que nega a esperança, nem a ousadia, que, e lança quasi cega no seio do futuro, exprime a verdade na vida. Aos que sua gloria sangrou já imortaes não cahie o epitaphio dos que morrera em desde que nasceram dos que sempre [...] a lyra enrasuada de louros são doces os ocios melancolico de solitária Tibur. Quem deve [...] do tumulo é quem acaba todo nelle. Quem deve maldizer a harpa [...] é quem a sentio sempre surda á harmonias. Herculano, que deixe á posteridade a sentença de sua fama. Castilho: que não condemene crer […] a feliz culpa do berço. Penso eu, nem outro, vivo para admiração, tem razão de nos fallarem do cemiterio de illusões . São! E amanhã, quando a pedra do [...] cair sobre o que no homem é, ó pó do esquecimento, amanhã, despontará para elles radioso o sol da posteridade, para da rodeas, de que no perpassar pelas invejas e [...], ninguem por mais alto, que esteja sái escripto. Obreiros do porvir a nossa missão envergarmos o suor do trabalho e as lágrimas do ser ao sudario que nos espera. O morto, o último acto da concordia chamada vida, hão de dizel-o o livro e a cruz - o livro que é a voz da alma e da intelligecia, que sobrevive e fica- a cruz, que é o símbolo da reeneração, de que deseja-mos les-também operaris.
>
> Lisboa 16 de outubro de 1865
>
> [Ass] L. A. Rebello da Silva
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], 22 p.)

Aqui temos mais uma vez uma dedicatória de Júlio César Machado (1835-1890).

> Volto este album ao meu poder tres meses depois de o haver entegre. O que elle tem corrido! Agora que o li, entristeceu-me. Que rancho de gloriosos, mas que rancho de tristes! Só veêm ruinas, e sepulturas!
>
> E' uma coisa bonita, que, ao usar-lhe a alma, deixa um homem cair no mundo o seu nome como meu manto, e, depois de já sem pó, fique ainda ligada á vida pela idéia; é uma coisa bonita, a gloria, sua pelos modos para crer no futuro cumpre contar as lagrimas e as feridas e comprar a [...] d'ino a forma.
>
> A gloria parece-se com o ananaz, - esse fructa precisa das terras para onde este album vae – o ananaz que só brota o poder de cuidados e amadurece entre espinhos: Todos se enche de orgulho o que o cultiva, mas não lhe conhece mais os que o perfume-o sabor ignora-lho: o que o cultiva… quasi nunca o come!
>
> Lisboa 23 de dezembro, 65.
>
> [Ass] Julio Cersar Machado

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 22)

Na página 24, uma ilustração de um homem com seu turbante. Feita por Bem d'Argel, Visconde de Vassouras.

Figura 11 – Homem de turbante

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Dedicatória de Altino Coelho.

> E' este o primeiro album, os que vejo uma valiada utilidade. Será elle o mensageiro que leva navio de Portugal a um português que ausente de terra a natal sobre os olhos saudosos para as suas praias e descança das pernas e fadigas e o tracto mercantil, com o tracto espiritual das musas nacionaes. Leva este álbum ao Brasil os nomes dos mais gloriosos escriptores. Registre também ao lado delles com nomes obscuro, que só os eguala n'um […], o amor das lettras portuguesas e a sympattia pelas […] compatriotas, voltados ao Novo-mundo ao exilio honrado do trabalho.
>
> Lisboa 12 de outubro de 1865
>
> [Ass] J. M. L. Altino Coelho

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 25)

Dedicatória de Ernesto by brão.

> Bem vindo sejais, livro, eu te saudo! Vens
> de terra portuguesa prenhe o seio tens.

de gloria e de porvir. Abres-te a mim, oh templo!
e, mal que o passo arrisco e os altares comtemplo,
eu curvo meu joelho ante os eternos soes,
e presto ouvido attento aos divos [...]:
aquelles no recinto a luz vertem, fecumdos;
estes, cantando, vão do mundo aos outros mundos.
A fogo, o canto, a voz cae-lhes do coração;
e, como a luz aos ceos e a voz da viração,
accorda-nos-e traz, d'envolta no perfume,
e som do pátrio sino, a luz do pátrio lume.
Abres-te a mim, oh templo, e já de tens umbraes
me accolho á majestade. Eis d'entre os immortaes
surge falhas de amigo: eu corro, estendo o abraço;
estreita-nos saudade e torna baldo o espaço.
Bem vindo sejas tu, bem vindo a novos ceos,
ilustre mendicante ... archivo de trophéos!

Rio de janeiro, 22 feverº (fevereiro) 1886

[Ass] Ernesto by brão

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 25])

Na página 26, uma ilustração de um ser celestial flutuando sobre o planeta Terra. Feita por 9º qº Raphael, A. B. Duarte.

Figura 12 – Ser celestial

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Luís Augusto Xavier Palmeirim (1825-1893) nasceu em Lisboa, ele é também conhecido por Luís Xavier Palmeirim, foi um escritor e político português do século XIX. Frequentou o Colégio Militar. A partir de 1878, foi diretor do Conservatório de Lisboa.

Pertenceu à geração romântica do Trovador 1848. Jornalista, tradutor, crítico, contista, dramaturgo e poeta ultrarromântico, exalta na sua poesia os tipos anárquicos, antissociais. Foi colaborador do periódico O Panorama (1837-1865), bem como do semanário Ilustração Luso-Brasileira (1856-1859) e da Revista Contemporânea de Portugal e Brasil (1859-1865). Em 1949 a Câmara Municipal de Lisboa homenageou o escritor dando o seu nome a uma rua junto à Avenida da Igreja, em Alvalade. (SILVA, 1858. v. 5, p. 228).

A-deuses fabulosos
Erguem se antigamente
Templos, que eternos cuida,
A louca pagã vaidade.
No mármore, no bronze.
Na tela, no granito,
Pôe a ambição de glória
Constantemente a fito
Luas vem o tempo e mata
O bronze, a tela, o templo;
Aquem sonha futuras
Que provida exemplo!…
Quem pode pois, ousado,
Prevês os mil arcanos
Que no seu curso infrene
Transem consiga os annos?
Eu que antevejo o pouco
Que o vão renome eleva
Aqui meu nome deixo
Sonhando…-a Sepultura!
Cubra-a de frescas rosas
A mão de ignato amigo,
Que eu ficarei contente
De tão risonho abrigo.
18 6/11 65

[Ass] L. A. Palmeirim

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 27)

Adriano Gaspar Coelho, fundou, no Brasil, o jornal *O Cisne* e colaborou em vários outros periódicos brasileiros. Regressado do Brasil, em 1867, ingressou no Diário de Notícias (DN), como secretário da redação. (SOUSA, 2009).

> Que ousadia é a minha inscrever meu nome obscuro após do de
>
> tão esplendidos, talentos? Que venho faser eu, mesquinho obreiro, debaixos dos arcarios Deste templo grandioso? Acaso a vaidade, a ridícula vaidade, me cegou a fonte de Desconhecer minha insignificancia?
>
> Não! Eu vim aqui prestas um tributo sincero de admiração aos ustris luminosos da litteratura contemporânea Dos Dous paizes irmãos; unilos ao peito em fraternal anplexo complexo. As revoluções sociais não podem apagar os brasões que os letras e a inteligencia conforem e eu curvome sempre ao ver passarem cercados de sua brilhante aureola de gloria, estes vultos gigantescos e respeitáveis, que honram a sua pátria e o seu seculo. As pompas da riquesa são fulgores que desmaciam ao sopro da adersidade. O talento é sempre grande, compeio sempre altivo sobre as ruinas dos impérios, porque a posteridade sempre lhe repete o nome, com respeito e veneração.
>
> Venho ainda uma saudade sincero depor aqui.
>
> Venho consagrar um voto ao torrão em que nasci:
>
> Campos 11 de Junho de 1866.
>
> Oh doce abrigo,
>
> Patria extremosas,
>
> Gentil, formosa,
>
> Não te esqueci.
>
> Adriano Gaspar Coelho, natural de Coimbra.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 28)

Ilustração de um anjo adormecido na página 30, feita por A. Barbosa.

Figura 13 – O anjo

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Luís Delfino dos Sanctos (1834-1910) nasceu em Desterro no Rio de Janeiro, foi doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Na cidade do Desterro, capital da província de Santa Catarina, em 25 de Agosto de 1834. Publicou em diversos tempos vários artigos de literatura em prosa e verso no *Correio Mercantil, Correio da tarde, Imprensa e Diario do Rio de Janeiro; no Futuro, e Conciliador,* jornais da sua província; e foi colaborador em 1852 do *Beija-flor*, e em 1854 da *Illustração Brasileira*. Propõe-se dar à luz com brevidade sob o título *Horas de vigilia,* em dois volumes, uma coleção das suas obras poeticas, parte das quais são já conhecidas do publico, por haverem sido insertas nas folhas supramencionadas. (SILVA, 1858. v. 5, p. 283-284).

Salve o livro, salve!

A'sombra do vergel coberto de loureiros

Onde os cysnes da Lisia e do Brazil – rivais-

Roubão a abelha o Mel, e o clarão aos luzeiros,

Em melodias Sons, em scismas divinaes,-

Vim sentar-me conviva estranho, humilde, ignoto

Entre a turba de Reis coroados de laureis, …

Entre os Reis da harmonia eu vim fazer Meu voto,

Da meza do banquête em que sentado aos pés

Sonhei!… Vi do horisonte erguer-se um vulto armado

Com gesto de guerreiro antigo e collossal,

E abraçar um Mancebo a ergue-se do outro lado,

Tão grande,… que o cabello era-lhe um florestal.

Cobria-lhe a cabeça um Rio, - era-lhe o casco,-

Como Serpente argentea em troncos a Silvar;

Tinha na boca enorme um enorme penhasco,

Que disseveis Ser ilha em verde e pleno Mar

Os pés tinha-os também Salve outra igual serpente

Estendida a lamber uberimos vergeis:

A imagem Cri eu ver do Meu Brasil ingente

Que a fronte tem um Rio, e outro Rio nos pés.

Levando aos hombros nús as vagas espumantes Fronte a fronte no ar ali os dous gigante

Entre elles o oceano estortejava envão; Sellavão num amplexo uma eterna união

Enquanto a mente o quadro em Sonhos Me apresenta,

E eu quero , e aspiro ve-lo eternamente assim,

De um, e de outro paiz o genio aqui Se assenta

No mesmo livro, Como á Mesa de um Festim.

O livro então parece o braço destinado

A ter a humanidade em senda Mais feliz,

A ligar o Cruzeiro ao Tejo decantado,

E os montes de um paiz ao Mar outro paiz.

O livro é, como o Sol-águia da immensidade

Nos paramos do Céu em vôo perennal,

O facho, que illumina a passo a humanidade,

A espada, que fulmina o anjo torvo do mal.

O raio, que derruba as raias dos impérios

E nivela as nações, e uni póvos e Reis,

Que faz o poeta ver nos espaços ethereos

Junto ao jovem Brasil o ancião Portuguez.

Caldeira referente em que cahe a pedaços

A vida, e o coração, e a alma do pensador,

Donde Salve – pé em terra e a fronte nos espaços

Feita de Sons e luz a figura do amor

E'lo Santo, que prende o Mar grande ao vil lenho

E as divinas canções um tênue Som demais:

Salve, ó livro, arca d'oiro, á cuja sombra eu venho

Unir Meo pobre nome aos nomes immortaes.

Rio de Janeiro 6 de Setembro de 1866

[Ass] Luis Delfino dos Santos

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 31])

Terceira dedicatória de Júlio César Machado (1835-1890).

Tem cada homem o seu dia, hora, e instante. No tal que pare estar em pleno gôzo

das faculdades precisa achar-se de barba feita: outro necessita lavar-se de ares, aquecer-se ao sol, e entreter-se ao burburinho do mundo; este, é bruto enquanto não bebe: Aquelle, não fixa em termos sem rezar ou seu dizer mal de alguém. Vé-se destas observações que um homem de juízo deve classificar por horas os amigos, e nunca ir ter com este seu consultar o relogio

Lisboa, 12 de Julho de 1867.

[Ass] Julio Cersa Machado

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 33)

Ilustração da página 34, é uma paisagem feita por Christino. João Cristino da Silva (1829-1877) nasceu em Lisboa, foi um pintor da época romântica. Cristino frequenta a Academia das Belas-Artes de Lisboa, de 1841 a 45, onde revela a sua aptidão para as artes, mas também o seu temperamento nervoso e uma personalidade irreverente que recusa o ensino acadêmico. A partir de 1960, Cristino leciona na Academia, e participa nas exposições

da Sociedade Promotora das Belas-Artes (1862-76). (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CHIADO)

Figura 14 – Paisagem

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) nasce em Itaboraí no Rio de Janeiro, diplomado em Medicina (Rio de Janeiro), não exerceu a profissão. Sócio-fundador, secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Professor de Corografia e História do Brasil, no Colégio Pedro II. Várias vezes deputados à Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, e deputado geral nas legislaturas 1864-8 e 1878-81, pelo partido liberal. Poeta, dramaturgo, historiógrafo, jornalista, gozou de grande popularidade como romancista, mas veio a morrer pobre e quase esquecido.

Patrono da cadeira N.º 20 da Academia Brasileira de Letras. (BRINCHES, 1965)

A fraternidade dos Brasileiros e Portugueses

Turvo ciúme os estinguirão

Progresso e principios sãos;

Tanto amizade nos unes

Somos dois povos irmãos.

Independente e livres

Leais nos demos as mãos

Pelo sangue, língua e indole,

Por amor – somos irmãos.

Rio de janeiro 5 de março de 1866

[Ass] Joaquim Manuel de Macedo

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 35)

Ilustração da página 36, de um "anjo" segurando uma abelha por uma linha. Feita por A. F. da Costa em 28 de setembro.

Figura 15 – O anjo e a abelha

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Alexandre José da Silva Braga (1829-1895) nasceu no Porto em Portugal, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi um poeta, jornalista e advogado português na cidade do Porto sua pátria. Conviveu com Soares de Passos, tendo sido um dos fundadores da revista *O Novo Trovador*. Em 1849, foi um dos fundadores da revista portuense *Lira da Mocidade* e publicou a colectânea de poesias *Vozes de Alma*, representativa do ideário poético da sua geração, revelando influências de Alexandre Herculano, Lamartine e Victor Hugo, e perpassada dos lugares-comuns da escola literária romântica: o medievismo, o populismo, os ideais da pátria e da liberdade e as queixas do amor ardente. Em 1856, foi um dos fundadores do jornal político *O Clamor Público*. Na década de 1850, colaborou ainda em *O Bardo* e *A Grinalda*, afastando-se depois da vida literária, para se dedicar às suas funções de advogado e orador. (SILVA, 1858. v. 1, p. 37).

A infância! Como as folhas que vai secando o outonno,

Cabem-lhe as horas bellas á namorada infância:

Mas quanto mais andamos, mais vivida fragrância

Depus veregeis remotos nos traz a vivação:

Só quem nasceu á beira do tumulo matemo,

Qual flôr que desabrocha n' um tronco de demebado,

Pode volver os olhos ás sendas do passado

Tem que o transporte ao berço suavissimo illusão.

Porto 2 de novembro de 1865.

[Ass] Alexandre Braga

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 37)

Na página 41, ilustração de dois pescadores e sua rede de pesca, um barco e um casarão ao fundo. Feita por Vallefuit.

Figura 16 – Os pescadores

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Dedicatória de Norberto da Silva.

Camões – Episódio do poema inedito Cabral ou o descobrimento do Brasil

Irá de novo, os mares affrontando,

Levar à pátria a homerica epopéa,

E do nanfragio duro triumphando,

Cantará de João a grande idéia,

E pela terna amante suspirando,

Adorada qual pudibunda déa,

Esperará devida recompensa

Não so da patria, como de quem pensa.

Mas a pátria, mettida na rudeza

Do gozo, há de mostrar-se indefferente

Ao pregão, que na inmensa redondeza

Ouvido deve ser de estranha gente!

E a amante, doce incanto de belleza,

O golpe soffrerá ímpio, inclemente,

Da saudade cruél, amarga e dura,

Que a despenhe no horror da sepultura!

Nictheroy[17] 23 de septembro de 1866

Depois de haver cantado a pátria tanto.

A língua engrandecendo e eternizando,

Ha de um pão esmolar, cheio de pranto,

Por elle o triste escravo mendigando!...

O mundo pasmará de ouvir seu canto

Tam grande ingratidão apregoando...

E ao dilatar a lusitana gloria

Tornará nossa incuria assaz notoria

E um dia, que o canhão de instante em instante

Lamente a morte do real guerreiro,

E que a pátria infeliz e agonisante

Dobre a cerviz ao jugo do estrangeiro,

Ah vel-o-hão enfermo delirante

Soltar o seu suspiro derradeiro,

17 Nictheroy – ou *Nitheroy* é um nome indígena que por volta de 1554 era chamava a cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Em 1834, o antigo topônimo indígena "Niterói" foi adotado como novo nome da até então "Vila Real da Praia Grande", quando esta se tornou a capital da Província do Rio de Janeiro. Existem várias explicações sobre o significado do termo na língua tupi: "água que se esconde"; "porto sinuoso"; "rio verdadeiro frio", pela junção dos termos '*y* (rio), *eté* (verdadeiro) e *ro'y* (frio). (WIKIPÉDIA)

E exhaurido de dor e de despeito

Morrer no hospital em pobre leito!…

[Ass] Norberto da Silva

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 42])

Ilustração da página 43, é de uma menina lendo um livro. Na legenda diz Filha. O autor assinou somente com a letra M.

Figura 17 – Filha

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (1816-1878) nasceu no Porto em Portugal, foi comendador das Ordem de Carlos III, e Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Era também um escritor e jornalista português, vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa, com vastas obras publicadas. Era também uma pessoa próxima de Camilo Castelo Branco. (SILVA, 1858. v. 1, p. 92).

Ja vivi muitos anos em terra alheia. Sei por experiência própria a saudade que for há

nos punge. Saudade do solo, do clima, da casa, da igreja, das agoas, das arvores, da sombra, da família, dos amigos, é até dos adversarios que a tivos quer do intimo de alma o ausente de ninho seu paterno como lhe chamara o nosso Camões.

A vinda derte album a Portugal a offerecer as suas paginas enfrente de um português a outros portugueses é expressão de vivíssima saudade. E' a mão que te estende pra cima do Atlantico a procura em nome da pátria comum as mãos paternas de todos nós para apertal-as carinhosamente e sentir a reciprocidade deleitora derte signal de

amor. Affectuoso sentimento é! Digno dos portugueses residentes em America e digno de portugueses que vivem na Europa. Todos irmões.Amigos todos.

Não conheço o dono deste álbum. Seja quem fôr. Nem quero saber-lhe o nome. Nascem na terra de meus paes. E' dela filho como eu sou, como são todos os nossos compatriotras de Brasil. Na ideia de nos mandar estas páginas brancas para registro de nossos bons sentimentos representa a saudade patriótica de quantas são ali teus companheiros de nacionalidade e de trabalho. Apertando-lhe affectuosamente a mão, a todos elles dou testemunho da minha dedicação paternal.

Lisboa 99 rua Formosa

17 de outubro 1865

[Ass] A. A. Teixeira de Vasconcellos

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 44)

Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva (1836-1912) nasceu em Itaguaí no Rio de Janeiro. Filho de gente modesta, lutou com dificuldade para estudar. Em São Paulo fez os preparatórios e a Faculdade de direito, ao mesmo tempo que trabalhava como Jornalista, tipógrafo, revisor e relator (o Ipiranga, órgão do Partido Liberal; A Hora 1852-1853; Acaiaba, jornal literário). Continuou o jornalismo no Rio (Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil). Acompanhou Francisco Otaviano (v.) ao Prata, na missão de negociar o Tratado da Tríplice Aliança (1865). De volta ao País, empenhou-se na campanha republicana (redigiu o famoso manifesto do 1.º número de A República: 3-12-1870). Fundou O Globo (1874) e O País (1884). Ministro de Exterior do governo provisório (1889), não foi feliz na Questão das Missões, perdendo a popularidade com o tratado que firmou com a Argentina e que o Congresso rejeitou (1890). Foi duas vezes senador (1889 e 1890) e presidiu seu Estado natal (1900-1903). (BRINCHES, 1965).

O meu nome é o primeiro nome brasileiro que de inscrever neste Album,

Tão de espirito e de coração, portugues diria elle para atlertas a um tempo a estreita alliança de duas nações consanguinias e o santo principio da fraternidade humana.

Rio de Janeiro 26 de fevereiro de 1866.

[Ass] Quintino Bocayuva

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 45)

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu no Rio de Janeiro a 21 de unho de 1839 e morreu na mesma cidade a 29 de setembro de 1908.

Seus pais eram bastante humildes. Para ajudá-lo, Machado de Assis empregou-se como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional. Nessa época, começou a escrever os primeiros versos, alguns dos quais foram publicados no jornal *A Marmota.* Em 1860, foi convidado por Quintino Bocaiúva para colaborar no *Diário de Rio de Janeiro.*

Machado de Assis é considerado um dos maiores talentos literários brasileiros de todos os tempos, ou mesmo o maior, se abstrairmos a figura de José de Alencar. Suas obras são repassadas de um fino humor irônico, onde a elegância do estilo se confunde com a correção da linguagem. O tom melancólico de muitos dos seus liros reflete, sem dúvidas, a personalidade amargurada de um homem doente — era epilético.

A primeira vez que o seu nome apareceu num livro foi, como tradutor, em *Queda Que as Mulheres Têm Para os Tolos*. Depois disso, publicou várias peças teatrais; a mais famosa foi Teatro, em 1863.

Porém, só no ano seguinte é que verdadeiramente assinalada a sua estreia literária, com o livro de poesia *Crisálidas*. Em 1870 tornou a publicar um novo livro de poemas, *Falenas*, e outro intitulado *Contos Fluminenses*. A partir daqui, o público e a crítica consagraram seus méritos de escritor. Tinha começado a vertiginosa subida da sua carreira literária, que só a morte pode sustar.

É vasta a obra de Machado de Assis. Para defini-la, basta citar as comédias *A Mão e a Luva* (1874); *Tu, Puro Amor* (1880) e romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1900); *Esaú e Jacó* (1904); e *Memorial de Aires* (1908).

Traduzir ainda o famoso romance *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo e, assinado com o pseudônimo *Malvólio*, escreveu durante algum tempo as célebres crônicas "Gazetas de Holanda".

Machado de Assis foi o principal fundador da Academia Brasileira de Letras e o seu primeiro presidente. Ocupou a Cadeira n.º 23, cujo patrono é José de Alencar. (BRINCHES, 1965).

.....…Insano

Quem busca combater a triste lei comum:

O álbum hade engolir os poetas um por um.

(Deuses de casaca[18], SC. 7.)

Rio de Janeiro, 26, de fevereiro de 1866.

[Ass] Machado de Assis

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 45])

Ilustração na página 46, é de uma mulher no pátio de um casarão. Feita por A. A. Monteiro Fecit em Dezembro 1865.

Figura 18 – Casarão

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Dedicatória de A. de Castanhedo.

Bemvindo peregrino! Sê bem vindo!

Do gênio-astro brilhante-te te conduz!

Formosa é a manhã, o céo é lindo,

18 Deuses de casaca-Trata-se de uma comédia, representada pela primeira vez no terceiro sarau realizado pela Arcádia Fluminense, em 28 de dezembro de 1865, nos salões do Clube Fluminense. Os Deuses de Casaca surgiu em livro em janeiro de 1866 e foi divulgado na Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários, de 1º de janeiro de 1866, e na Semana Ilustrada, no dia 7 do mesmo mês. A sua quase consagração veio com o artigo de Pinheiro Chagas, publicado no Anuário do Arquivo Pitoresco, de Lisboa, em março de 1866. Segundo Pinheiro Chagas, citado por Ubiratan Machado (2003), Os Deuses de Casaca pode ser considerada uma completa manifestação, revelada por todas as suas faces: elegante, humorística, poética, maliciosa. A comédia está escrita de forma despretensiosa, os alexandrinos correm com fluência e o estilo é tão claro que não se pode deixar de recomendar esta peça como uma das mais graciosas composições da literatura luso-brasileira. (SENADO FEDERAL, 2016)

No sorrir da natureza é tudo luz!

Deôs te salve peregrino! Eu te sauído

Com affecto estremecido!- eis minha mão!

Apérta – mês amigo!-eu dou-te tudo

No abraço que te dou do coração!…

Rio de Janeiro Rosário 57. 1865.

[Ass] A. de Castanhedo

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 47)

João de Andrade Corvo (1824-1890) nasceu em Torres Novas, Portugal e foi um homem de múltiplos interesses. Frequentou os cursos de Matemática e Ciências Naturais, Engenharia e Medicina e desempenhou as funções de agrônomo, professor, escritor e político. Como agrônomo, desenvolveu vários estudos sobre a agricultura e foi professor do Instituto Agrícola e da Escola Politécnica de Lisboa. Publicou, na Coleção Biblioteca de Agricultura e Ciências, algumas obras dedicadas ao ensino agrícola. Desenvolveu desde cedo o gosto pela poesia, publicando poesias e artigos em vários jornais e revistas da época. Foi um dos fundadores da Sociedade Escolástica Diplomática, a que pertenceram Mendes Leal, Tomaz de Carvalho, Luiz Augusto Palmeirim, entre outros. Escreveu notáveis romances, como *Um ano na Corte* (1850-1851), a sua obra mais popular, e *Sentimentalismo* (1871). Também foi autor de textos dramáticos históricos, como *Um Conto ao Serão* (1852), *O Astrólogo* (1859) e *O Aliciador* (1859), peças às quais o público respondia com entusiasmo. Como político, iniciou sua carreira, em 1865, como deputado, assumindo, no ano seguinte, o cargo de ministro das obras públicas até 1868, contribuindo para o desenvolvimento da rede ferroviária nacional. Em 1869, foi enviado para Madrid para exercer o cargo de Ministro de Portugal, permanecendo um ano na capital espanhola. Foi ministro dos negócios estrangeiros de Portugal, entre 1871 e 1878, durante o governo de Fontes Pereira de Melo. (LEMOS, 2007)

A civilização prossegui n'as suas conquistas. As nações servem-se cada vez mais pelos braços da fraternidade A liberdade seré tornando meios de expressibidade dos povos e abrangendo-lhes os domínios n' as regiões do pensamento, e n'os campos vastíssimo da indústria. O trabalho produtivo liberta o homem da escravidão da miséria e purifica luctas num [...] a moral das nações progressivas. A guerra torna-se de dia para dia um flagello mais raro. Não e agora a ocasião de perder [...], de amaldiçoar o mundo que vivemos. Ainda bem, e haverá sempre, soffrimentos,

lágrimas, misérias e decepiões na terra, mais o futuro será melhor que o passado. Continuamos trabalhando, inda num […] as suas finalidades, para esse futuro glorioso da humanidade, sem pedirmos o prêmio das nossas fadigas senão à consciência

Lisboa 7 de Novembro 1865.

[Ass] J. A. Andrade Corvo

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 48)

Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924) nasceu em Lisboa, foi doutor em Direito pela Universidade de Coimbra; lente de Literatura no Curso Superior de Letras; sócio efetivo da Academia Real das Ciências, de Lisboa; da Academia Real de História, de Madrid, e de numerosas corporações literárias e científicas de Portugal e do estrangeiro, onde o seu nome é bastante conhecido, como escritor infatigável, a quem as letras portuguesas devem os mais relevantes serviços. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA)

Fragmentos da ondina do Lago

‘’Imagem d’um sacho vago
E’ ter a virgem do lago
De crystal?
Quem tanto amor me confesa!’’
E o ecco repetio – Essa!
Pela val
‘’Essa vez pura e suave
E’ como um cantico d’ave
Ao luar!
Sentirá de mim saudades?’’
Longe o ecco se ouvio – Hade!
Murmurar !
Hade o amor desencantar-te?
Que poder mau, Em que parte
Te servio?
Responde harmonia branda

E o ecco gemendo – Anda!
Repetio.
‘’Anda e sem saber aonde
A fada gentil se esconde
Cego vae!
Como heide vêr quem me chama?’’
E o ecco dizendo – Ama!-
Expirar.
Coimbra 1865.

[Ass] Theophilo Braga

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 49])

Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca foi bacharel formado em Direito na

Universidade de Coimbra, e natural de Guimarães, antiga vila e hoje cidade da província do Minho. Algumas de suas publicações foram: A *virtude de dous anjos.* Coimbra, na Imprensa Literária 1864. 16.º de 124 pág.; *O Cântico dos cânticos: imitação.* Lisboa, Typ. da Gazeta de Portugal 1865. 8.º de 15 pág.; A *Litteratura ramalhuda, a propósito dos srs. Castilho, e Ramalho Ortigão, por G. F.* Coimbra, na Imprensa Literária 1866. 8.° gr. de 13 pág.—(V. no tomo VIII o n.° B, 541.); *A Fada: poema do amor.* Coimbra, na Imp. da Universidade 1866. 8.º gr. de 208 pág.

Consta que em 1860 fora um dos colaboradores do *Académico,* jornal por esse tempo publicado em Coimbra. (SILVA, 1858. v. 9, p. 287-288).

> O fim da orgia
>
> (fragmento)
>
> Assim como a luz formosa das estrellas e ao delicioso alvor da lua se erguem com brilhos phantástico as tomadas columnas e o quebrados capiteis de arruinado templo, e pelas gótticas ogivas murmuram as harmonias do genio solitario da noite, e por entre os derrocados altares perpassam as sombras de sonhadas forma da imaginação,- assim ao voluptuoso crepúsculo d'uma sala, onde os tênues raios do lustre vão esconder-se entre as franjadas ondas do cortinado branco, e desmaiar na penumbra, ao trémulo esmorecer de luz indecisa, mais bellos se descobrem os seios palpitantes da mulher anciada, mais deliciosas se arredou-as curvas de jaspia columnia tombada sobre o velludo azul do flácido recosto, mais luxuriantes se desatam as tranças do cabelo revolto, mais languidos são os gemidos, mais famintos os beijos, e mais suspirado o mimoso choro do prazer; e como também e a luz da alvorada dissipa as poéticas sombras das ruinas, e amarelicer o musgo das muralhas derruídas, de despi o misterioso recinto dos imaginosos sonhos da phatasia, - assim os raios do amanhecer ao penetrarem na sala da orgia desvendam as deliciosas creações da voluptuosidade, e sacodem as nuvens iriadas do gôzo. Ficando de pé – visto e repelisse - o esqueleto da realidade. Haí quem não acordasse nunca da inefavel embriagues dos sentidos. Que não possa ser eterna a noite luminosa da felicidade! De que serve a luz do sol, que nos absorve os orvalhos, e os perfumes das flores, assim como as lagrimas da ternura e os dos sonhos do amor? Quem não acordasse numa d'este misterioso crepusculo da alma…
>
> Coimbra Outubro de 1865.
>
> [Ass] Francisco de Guimarães Fonseca
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 53)

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879) nasceu em Lisboa, foi um jornalista, escritor e advogado português. Fidalgo da C. R., Comendador das ordens de Christo, e de N. S. da Conceição; Doutor e Bacharel em Direito, Medicina e Filosofia pelas Universidades de Coimbra, Paris e Rostock; Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa; da Sociedade Real dos Antiquários do Norte; da Academia de Historia de Copenhague; da

Sociedade Farmacêutica de Lisboa; do Instituto Histórico-geográfico do Brasil, e de outras Associações científicas e literárias, etc. Em 22 de Março de 1843 foi nomeado bibliotecário mor da Biblioteca Nacional de Lisboa. Um exemplo de obra seria: *Arte de ser amado*: romance histórico em verso e em cartas por Abel Christiano de Bettencourt (pseudónimo) (1837). (SILVA, 1858. v. 4, p. 316-320).

Invejo-te, livro! Voltes
Da minha terra natal.
Invejo-te! inda ha tão pouco
estiveste em Portugal!

Das terras de Sacta Cruz
ignosta mão te enviva.
Sei que foste, um medianeiro
de affectos á pátria cara;

que um dos meus, no mundo novo,
terá sonhado mil vezes.
como ao peito apertaria
as mão dos seos portuguezes;

e dice ao teo livro: - ‘’Corre
‘’ás terras onde nasci.
‘’Roga aos príncipes da lettras
‘’inscrevam teo nome aqui.
‘’Ao voltares, livro amigo,
‘’deverei ao teo auxilio,
“companheiro inseparavel,
“abradar a dor do exilio!’’
Chegou ás margens do Tejo.
Os próceres do saber,
os de peito, os d’ alma, os d’estro

souberam-n-o comprehender.
Glorioso, eil-o reynessa,
este querido peinhor…
E inda não finda esta doce
periginação de Amor?

Pode este álbum nome obscuro,
após tantos immortães.
Chama em soldado bisonio,
Quem dispõe de generaes!
E' sempre o formoso impulso
Do amor do pátrio trovão:
Não genio a genio procura;
Coração a coração.

Nossas almas, fio electrico
Soube por certo ligar;
e a distancia os sentimentos
em ambos achvysolar

Lembra tudo: a infância, o amigo,
Casa, e bosque, e prado, e flor;
os sítos onde aprendemos
Sentimento, idea, amor.
Lá nos guardam saero fogo
outras melhores vestaes
lá onde foi nosso berço,
e repousam nossos paes.

Seja o amor da pátria um culto;
alvo da nossa paixão;
Mexeu ardor, fanatismo,

da pátria a religião.

Ai! Por ella dêmos tudo:
peito, e braço, e pena, a vida.
Como hebreos, vejamos nella
alma terra promettida.

Rio de janeiro, e rua do Conde n° 13 – 13 fevereiro 1866.

[Ass] J. F. de Castilho Barreto e Noronha.

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 54)

Faustino Xavier de Novaes (1822-1869) nasceu no Porto em Portugal, foi um jornalista, poeta e escritor português radicado no Rio de Janeiro, melhor conhecido como irmão de Carolina Augusta Xavier de Novais, esposa de Machado de Assis, e amigo do escritor. Também exerceu por algum tempo a profissão de Ourives em Portugal mais descontente de sua pouca fortuna que possuía, resolveu ir para o Brasil com sua esposa em maio de 1858. Colaborou na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859-1865). (SILVA, 1858. v. 2, p. 254-255).

Envolto em negras nuvens o passado,
Levate fui, não sei:-sei que o não sou:
Do futuro, de sombras tão velado,
Ja não espero luz, nem eu lh'a dou!

Mais altivo d'espirito, mais forte,
Folhas d'alvo papel manchado em vão.
Do mundo rindo, combatendo a sorte,
As magoas occultei do coração.

Hoje, nem posso rir! E se inda choro,

Não quero as minhas lagrimas mostrar:

As riquezas, a forma não adoro,

No esquecimento, só, quero findar!

Pode o mundo pensar que inda, sensivel,

Eu sinto n'alma aspirações reais:

Embora!... Que aspirar ao impossivel

E' sonhar acordado, é sofre mais!

Apraz-me a solidão; só nella vejo

Socego que não tem o mundo em si,

Que é inutil em mim todo o desejo,

Quanto inutil voce ser meu nome aqui.

Rio de Janeiro-Fevereiro 25 -1866-

[Ass] Faustino Xavier de Novaes

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 55)

Na página 56, uma ilustração de dois navios que foi assinada por A. Urbano, Rio de Janeiro, 1871.

Figura 19 – Dois navios

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Reinaldo Carlos Montoro (1831-1889) nasceu Porto, Portugal. Foi poeta, romancista, ensaísta, membro do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro. Saiu ainda adolescente de sua pátria Portugal para o Brasil, residiu anos em Vassouras, cidade da província do Rio de Janeiro. (ENCICLOPÉDIA DE LITERATURA BRASILEIRA, 2001)

> Houve um tempo em que talvez tivesse Direito a espreitar de longe, a um canto do recinto, esta reunião galhado de espíritos ditictos; hoje sé me compette saudaé-os de longe, e applaudir á poesia de seus escriptos, e ainda á mais bella poesia de suas vidas, em que subiste e crença na ou missão litterarias, vencendo a tendencia materialista da época. Salve! pois á pleidade brilhantes dos nossos mais notaveis apostolos do propesso intellestual!
>
> Rio de Janeiro, 1° de Março de 1866.
>
> [Ass] Reinaldo Carlos Montoro
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 58)

Dedicatória de Manuel de Mello.

> Respeitoso até agora ante estes nomes
>
> Inclinou-se leitor, louvando a escolha.
>
> Não farto, espera ainda maravilhosas…
>
> Chega aqui, vê o logro, e vira a folha.
>
> Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1866.
>
> [Ass.] Manuel de Mello
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 60)

Dedicatória de J. A. Teixeira […].

> Arpas sem corda, encortada a um canto,
>
> Palmyra em minas é minh'alma agora;
>
> Balbek morta – onde o romeiro ancioso
>
> Nem sombra encontrou da que fôra outr'ora.
>
> - Das <u>sombras e sonhos.</u>
>
> Campos, 12 de junho de 1866.
>
> [Ass.] J. A. Teixeira […]

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 60])

Augusto Emilio Zaluar (1826-1882) nasceu em Lisboa. Foi um escritor, poeta e jornalista. Emigrou para o Brasil em 1850 e naturalizou-se cidadão brasileiro em 1856. Filho do Major José Dias de Oliveira, Zaluar teve três filhos no Brasil. Algumas obras: *Poesia: Primeira parte.* Lisboa, na Imp. Nac. 1846. 8.º um folheto.; *Dores e Flores. Poesias.* Rio de Janeiro, Typ. de Francisco de Paula Brito 1851. 8.º gr. XXVII-175 pag. Também colaborou em Portugal nas redações de vários jornais literários e políticos. (SILVA, 1858. v. 1, p. 310).

Um livro é um amigo; instrúe, bemdís, consóla,
Transmitte d'alma a alma o pensamento, a luz;
Um livro nos recorda a infantil escolla;
Um livro a humanidade à redempção conduz.
Rio, 29 de maio de 1866.

[Ass] A. E. Zaluar

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 61)

José Augusto da Silva Sampaio (1852-1914), nasceu em Angra do Heroísmo, Portugal. Ele é mais conhecido por José Sampaio, foi um jornalista, poeta e professor liceal. Publicou uma obra diversificada que inclui, entre outros gêneros, poesia, biografia e escritos técnicos sobre matéria alfandegária. Colaborou em múltiplos periódicos terceirenses, tendo sido fundador e editor de vários deles. (WIKIPÉDIA)

Ave perdida nas areas da vida
Procura exhausta protectora sombra.
Por longo tempo esvoaçou sedenta
Sem fonte amiga mitigar-lhe a sede.
Oasis caro, que daserta abriga
A mão lhe estende carinhosa, terna,
Entre os cantores o seo nome inscreve.
Cidade de Campos 14 de junho de 1866.

[Ass] José de Sampaio

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 62)

Dedicatória de José Gonçalves dos Reys.

> Triste humanidade! fogo fatuo, que mal te accende te evaporas, e toda via te concideras tanto!… Rio de Janeiro, 4 de junho de 1866.
>
> [Ass.] José Gonçalves dos Reys.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 63)

Pedro Luís Pereira de Sousa (1839-1884) nasceu em Araruama, Rio de Janeiro. Foi um advogado, jornalista, político, orador e poeta brasileiro. Foi deputado em dois mandatos, ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente da província da Bahia, de 29 de março a 11 de dezembro de 1882 e de 16 de dezembro de 1882 a 14 de abril de 1884. Como ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pede para Machado de Assis continuar como oficial de gabinete. Em 1880 foi agraciado com o título de conselheiro do Império. É o patrono da cadeira n. 31 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Luís Guimarães Júnior. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

> Oh! livro- ave nascida em praias estrangeiras.
>
> Que abriste as azas brancas ao ventos do oceano...
>
> Bemvindo! Pois que trazes á terra das palmeiras
>
> Suspiros de Castilho... e seismas de Herculano...
>
> Rio de Janeiro 1 de abril de 1866
>
> [Ass] Pedro Luiz P. de Sousa
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 66)

Francisco Travassos Valdez foi um explorador português que viajou no século XIX pelo continente africano. O relato das suas aventuras foi editado em Londres, no ano de 1861, com o título *Six Years of Traveller's Life in Western Africa.* As suas obras incluem, entre outras, *"Africa occidental: noticias e considerações", "Da Oceania a Lisboa"* ou *"Africa occidental, noticias e considerações por Francisco Travassos Valdez".* (LIVRARIA CASTRO E SILVA – catálogo).

> O permitttis-se que o meu tão humilde nome tenha a honra de apparecer n'este album, junto com os de tantas e tão grande notabillidades litterarias dos dois hemispherios, é a melhor prova da verdadeira illustração a que nos vêmos chegados,

> animando-se e concedendo-se todo o favor aos que, como eu, embora lhes falta realmente o talento, sobra-lhes, sem duvida, a boa vontade e os esforços os mais patentes e sinceros, com o fim de contribuir também para o maior desenvolvimento dos conhecimentos uteis.
>
> Rio de Janeiro 28 de abril de 1866.
>
> [Ass] Francisco Travassos Valdez
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 66])

José Martiniano de Alencar (1829-1877) nasceu em Messejana, Ceará. Foi um escritor e político brasileiro. É notado como celebrado escritor, sendo fundador do romance de temática nacional, por sua tenaz defesa da escravidão no Brasil, e por ter sido Ministro da Justiça do Brasil.

Filho ilegítimo do padre e mais tarde senador José Martiniano Pereira de Alencar e de sua prima D. Ana Josefina de Alencar, era irmão do barão de Alencar, sobrinho de Tristão Gonçalves, neto de Bárbara de Alencar e primo em segundo grau do barão de Exu. Formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária no Correio Mercantil e no Diário do Rio de Janeiro. Casou-se com Georgiana Augusta Cochrane (1846-1913), sendo pai do embaixador Augusto Cochrane de Alencar. (SILVA, 1858. v. 5, p. 60).

> Este album é a imagem da gloria. Mais lhe tismão da pureza, maior lustre elle adquire. Rio de Janeiro. 14 de maio de 1866".
>
> [Ass.] J de Alencar.
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 67]).

José Pereira do Rego (1816-1892) nasceu no Rio de Janeiro. Foi um médico cirurgião e homem público brasileiro. O primeiro e único Barão do Lavradio. Recebeu o título de barão a 23 de setembro de 1874. Foi patrono e membro titular da cadeira nº 7 da Academia Nacional de Medicina, eleito em 1840 e presidindo esta academia de (1855/1857) e (1864-1883).Foi também Cavaleiro da Ordem de Christo, e agraciado sucessivamente com os graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador da Ordem Imperial da Rosa, em remuneração de serviços médicos prestados durante as invasões epidêmicas de cólera e febre amarela: Foi médico da câmara de S. M. o Imperador, e da Casa da Sacta Providência da dita cidade; Vogal da Junta central de Higiene Pública, tendo por vezes, e em diversos tempos exercido várias comissões do serviço publico, e cargos da municipalidade; Membro titular da Academia Imperial de

Medicina, da qual foi algumas vezes Presidente; Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, da Sociedade Auxiliadora da Industrial Nacional, e de outras Associações científicas e literárias do Brasil e da Europa, etc. (SILVA, 1858. v. 5, p. 99-100).

> Que vale o meu nome para vir inscrever-se entre tantos, que adornam este Album, congresso respeitavel de notabilidades litterarias de dous povos irmãos?
>
> Ou esta obsequiosa provocação significa que na republica das lettras ha lugar para todos; ou de não quiz-ainda em mim – perder mais um vóto sincero e ardente pela nobre causa da fraternidade, que liga felizmente o nome Brazileiro ao nome
>
> Portuguez n'um laço santo e sagrado. Como quer que seja leve-se-me em conta a confissão, que faço de minha fraqueza para bem correspoder a tão proficuo e fertil estimulo; nem se agaste o leitor, visitante deste jardim, se entre perfumados ramalhetes encontra agora flores secas e inodoras.
>
> Rio de Janeiro 5 de Setembro de 1866.
>
> [Ass] J. Pereira do Rego
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 70)

Francisco Xavier Pinto de Lima, o barão de Pinto Lima (1832-1901), nasceu na Bahia. Foi um político brasileiro. Era bacharel em Direito e foi magistrado. Foi deputado geral pela Bahia em várias legislações e ministro da Marinha do Brasil, nomeado por carta imperial de 31 de agosto de 1864, de 31 de agosto de 1864 a 12 de maio de 1865. Foi presidente da província de São Paulo, de 19 de junho a 21 de dezembro de 1872, e da província do Rio de Janeiro, de 26 de novembro de 1874 a 18 de janeiro de 1878. Foi também presidente da província do Rio Grande do Sul, de 4 de novembro de 1870 a 24 de maio de 1871 e agraciado comendador da Imperial Ordem da Rosa e da Real Ordem de Vila Viçosa de Portugal. (WIKIPÉDIA).

> Eiló=o cortejo brilhate=
>
> Das grandes intelligencias!
>
> Alto vai. Quem póde ousado
>
> Olhar a taes eminecias?!
>
> _____
>
> Fascina, deslumbra, cega
>
> Tanta chamma, tanta luz;
>
> Quem póde tentar seguilás

Pela senda que as conluz?

_____

Ninguem; se humilda agora
Ousei juntar-me ao cortejo,
E' que, deslumbrado, pasmo,
O perigo não prevejo.

_____

Vejo, sim, que tênue offrenda
Tambem cabe as pobre dar,
E entre as ricas primícias
Encolher o seu lugar.

_____

Eis o meu; neste cantinho
Só aos pobres concedido,
O mais pobre pede aos astros,
Dos seus, um rayo incendido.
Março 10-1866-Rio de Janeiro.

[Ass] Xavier Pinto

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 71)

Na página 72, ilustração da Princesa Imperial Dona Isabel. Assinada por Valle.

Figura 20 – Princesa Imperial Dª Isabel

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Na página 73, estão dois bordados de flores. O bordado de nº 1 (direita) esta identificado por S. C. Sª Carvalhos 18-11-65. Já o bordado de nº 2 (esquerda) esta identificado por M. A. Sª Carvalho. Sª18-11-65.

Figura 21-Bordados nºs 1 e 2

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Júlio de Castilho o segundo visconde de Castilho, (1840-1919) nasceu em Lisboa. Foi um jornalista, poeta, escritor e político português, filho do escritor António Feliciano de Castilho. Distinguiu-se como olisipógrafo[19], publicando diversas obras sobre a cidade de Lisboa e juntando uma importante coleção pessoal de documentos sobre o tema, hoje depositada na Biblioteca Nacional de Lisboa. (PORTUGAL-DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO, Volume II, p. 910-911).

> O Senhor deu poesia aos ceos, á immensidade;
> voz ao mar; voz á noite; o genio á sociedade.
> Mas o homem das canções logrou maior favor:
> soprou-lhe Deus na fronte, e o engrinaldou de amor
> Lisboa 22 de Agosto de 1865
>
> [Ass] Júlio de Castilho
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 74)

19 Olisipógrafo – adj. relativo à olisipografia. Olisipografia – *s.f* (Hist.) conjunto dos conhecimentos concernentes à cidade de Lisboa. (UNIVERSAL, 2008)

Camilo Mariano Fróes *(1836 -?)* nasceu em Lisboa. Foi autor de inúmeros artigos, crônicas e contos publicados nos jornais e folhetins portugueses da segunda metade do século XIX, tendo um especial talento para o estilo humorístico. Algumas de suas publicações foram: Novo código do amor: livrinho econômico e indispensável para os que namoram, útil para os que hão de namorar, e divertido para os que namoraram. Lisboa, Typ. Universal 1860. 8.º de 63 pag.; *Album chulo-gaiato, ou colleção de receitas para fazer rir. Bruxelas*, Typ. Bruylant-Christophe & Cie 1862. 8.º de 40 pag. – Sem o nome do autor. (O logar e tipografia são suppostos, porque o opusculo foi impresso em Lisboa).; *Caricaturas á penna: esbocetos litterarios em prosa e verso.* Lisboa, na Typ. Universal do editor Thomás Quintino Antunes 1862. 8.º de VIII-225 pag., com o retrato do autor.; *Theresa Demonio: romance de Henrique de Kock, traduzido livremente* (com uma introdução do tradutor). (SILVA, 1858. v. 9, p. 14)

> Tinha eu de mim para mim que um album era uma especie de feira da ladra litteraria onde se dependuravam os farrapos poeticos dos rabiscadores d'água dôce, que não logravam achar na letra redonda lenitivo para as suas comichões lyricas.
>
> Este livro veio mostrar-me que laborava n'um erro, e provar-me que o album pode ser um encantador jardim onde viçamo e recendem as mais deliciosas flóres litterarias dos nossos dias.
>
> O meu humilde nome aqui, não pode ser senão a miseravel e mesquinha ortiga de tão deleitoso vergel.
>
> Lisboa 8 de Novembro de 1865
>
> [Ass] C. Marianno Fróes
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 75])

Na página 76, está exposto um bordado de flores de nº 3 que está identificado por M. B. H. C. R. 19 8bro (outubro) 1865.

Figura 22 – Bordado nº 3

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Dedicatória da página 77 não possui autoria (autor desconhecido).

É hotél este livro. - Pelas sallas entrando, pedem quarto e deixam málas

incançaveis obreiros do futuro.-

Luzes por toda a parte! Arômas! gallos!

E amores até…rude ha só muro!!

Mas no [...]do Parnazo - (oh! da medalha tristíssimo reverso!) em canto obscuro

O Pegáso a dormi-o, farto de Palha

18 de outubro de 1865

Dedicatória Antonio Moia Sampaio.

O que concluis, leitores, de tudo que encontrais neste álbum, que quasi que já não é album?

Que ficais conhecendo daquelle que nelle figuram? A forma da letra e um pouco mais. A alma não te revela nos conceitos estudados, nas phrases aprimoradas, com que muitas vezes mais te oculta do que se manifesta o pensamento. Achareis talvez ahi exteriosidade do homem, mas o teu coração, a sua índole, o teu caracter procurai-os antes em todas as ações da sua vida, e principalmente nas que são praticadas sem intuito d' uma ostentação vaidosa.

8 de novembro de 1865

[Ass] Antonio Moia Sampaio

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 77])

Francisco Joaquim Béthencourt da Silva (1831-1911) nasceu na altura do Cabo Frio a bordo do veleiro português "Novo Comerciante", em trânsito para o porto do Rio de Janeiro. Foi um arquiteto, professor e educador brasileiro. Ingressou na aula de arquitetura da Academia Imperial de Belas-Artes em 1845, onde se destacou como discípulo do artista francês Grandjean de Montigny, fundador da cadeira de arquitetura daquela academia. Durante o curso obteve inúmeros prêmios e menções honrosas, tendo conquistado uma bolsa para completar os seus estudos em Roma.

Formado, iniciou a sua carreira profissional como arquiteto das Obras Públicas, cargo para o qual foi nomeado, por concurso, em 1850. Nesta função foi bem-sucedido, tendo os seus projetos marcado época, visto que contribuíram para modernizar as construções públicas, especialmente da então capital do Império. Lecionou ainda na Academia Imperial de Belas-Artes e na Escola Politécnica. Tinha geral reputação de um homem detentor de vasta cultura. Acreditava que a educação, nomeadamente o conhecimento artístico – através do ensino do desenho – era a base para que as nações alcançassem o desenvolvimento e a prosperidade e, desse modo, liderou um amplo movimento que culminou com a fundação da Sociedade Propagadora das Belas Artes do Rio de Janeiro e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 23 de novembro de 1856. (MURASSE, 2002).

> Gloria de poeta e de artistas,- visões das grandes almas, o que sois?
>
> Lembras de aves que se deslisão á tona de um christalino lago;- rosas, louros que, salpicados pela baba da inveja e do insalto, o tempo desfolha e sécca sobre o campo dos finados; goivos que a mão piedosa dos amigos peduras, ás vezes, nos braços de uma cruz fumeria, em cujo emblema se lê então um nome do sêno que foi, mas que já não é....
>
> Mais tarde, resolvida a cova, atirados ao canto do cemitério, n'um monte de ossos, já por todos esquecidos, o que resta do poeta e do artista?...
>
> Resta apenas na terra o esquecimento, o nada...e além – Deos e a eternidade!
>
> Rio de Janeiro 27 de agosto de 1866.
>
> [Ass] J. Bethencourt da Silva
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 79)

Dedicatória de Alexandre Bastos.

Em balde pedes ao vate

Numa trova, uma canção;

Em balde pedes – é tarde,

Minha bella castellá

Em Balde pedes é tarde

Que fugiu a inspiração.

Mas já que o ceu para mim

Não tem brilho nem fugores

Seja ao menos para ti

A vida toda primores

Seja ao menos para ti

Heterno jardim de flores.

Coimbra, 27. 1. 83.

[Ass] Alexandre Bastos

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 79])

Dedicatória de José Joaquim Rebelo Maia.

Este álbum tão embrecido por tantos talentos que já pertencem á posteridade, é também um padrão de gloria para o meu distineto amigo o Sr Antonio Augusto de Silva Bastos, a quem elle custou a honra de reunir aqui tanto opulência.

É o meu humilde nome inseripto nas suas paginas e cercado de tanta luz que mais realça a esterilidade de meu espirito, hade parecer um commettimento aquelles que me conhecem.

Aos desconhecidos, antes do exame, daria lugar a conjecturas que serião para mim mui lisonjeiras, se eu de antemão não avaliasse o seu engano. A uns e outros deve declarar que foi a amizade que me abrio este álbum; foi a ella que obedeci escrevendo estas linhas, e é ainda a ella que dedico a seguinte

Parodia a uns versos de Glvez Dias (Gonçalves Dias):

Minha terra tem salgueiras

Onde canta o rouxinol;

Não ha outra como ella

Debaixo. da luz do sol

Nosso ceu de puro anil

Tem os astros rutilantes;

São mais ternos nossos anjos
Nossos amores são constantes

Nossos campos no outono
Trisctos tem que aqui não ha;
E' mais linda a primavera
Que todos o tempo de cá
Nossas vinhas são riquezas
Que nunc'acharão rival
O seu néctar precioso
Só se dá em Portugal
Nossos ares tem mais purezas,
E' mais brando o nosso sol;
São lindas as verdes moitas
Onde canta o rouxinol
Minhas terra tem bellezas,
Bellezas que aqui não ha;
Se não tem ricos palmares
Onde canta o sabiá,

Tem bosque muito formosos
Onde canta o rouxinol;
Nem há outra como ella
Debaixo da luz do sol!
Ai! permita Deus que eu vá
Meus dias nella acabar;
Que me não mate a saudade
Que me faz experimentar;
Saudade do fundo d'alma,
D'aquella lindo torrão,
Onde o ceu, o bosque e o prado,
Tudo falta ao coração.
Rio de Janeiro, 1 de Abril de 1868

[Ass] José Joaquim Rebello Maia

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 80)

Dedicatória de Alexandre Bastos.

> A mulher é um poema em três cantos: virgem, esposa, mãe; isto é, o botão, a flor e o fructo.
>
> -Se a principio foi considerada sob aspecto infim e sujeita aos caprichos do homem: odioso abuso da força brutal! pois ella tem delicadezas de percepção e de sentimentos invenciveis - hoje já tudo converte, domine e unifica.
>
> - Que seria o homem sem a mulher? Um ente inútil, exaltado, cruel, sempre em luta, nunca em socego; ella única adoce nossos temperamentos e civiliza-nos, amando-nos e coptinando-nos com as virtudes, as mais agradáveis!
>
> -Se os seus direitos eram desconhecidos da antiguidade, se era escrava, mais tarde Christo eleva-a do [...] do homem.
>
> -Onde a attracção dos servos é embellezada e fortificada seos ideiais morais, aparição da mulher engradece-se, torna-se um objecto de adoração! Entre os […] torne se submettida, aviltada e escravizada a força brutal.
>
> -Forma [...] e liberdade da mulher esse fazem a doçura, o encanto e sedução das sociedades europeias.
>
> -A mulher parece n'este mundo ser consagrada ao culto da dedicação. Depois d'uma vida toda de attractivos, é ella ainda que recolhe o ulttimo suspiro d'aquela que bem amou, que tranquilliza as aproximações da morte e da separação, seu disfarce dolorosamente as suas angustias para lhe sorriam ainda, na sua dôr e lançar um consolação e última esperança no coração de quem eles vae perder!
>
> Fada a mulher, a mulher principalmente, não é senão espelho e o escudos sentimentos é das palavras das pessoas que ama, ellas personificam se no seu amor ou na sua amizade.
>
> A mulher copia facilmente e imita naturalmente o seu bem nas expressões, inflexões de voz e gesto.
>
> - A mulher, associado se ás nossas alegrias, adivinha as nossas tristezas, ministrando-lhes remedio e restabelecendo o equilibrio nos nossos sentimentos, torna-se, d'algum modo, a proteetora e direetora de nossa alma! Ella não é somente á alma ardente da família, ella é o coração, a paixão, a alegria, a graça e sorriso.
>
> -Viva, a mulher intelligente e virtuosa é a providencia da casa; mostra, ella fica o anjo guardião, a bemfeitora pelos benefícios concedidos, pela dedicação
>
> Que inspirou, pela econômica simplicidade da casa, pela frugalidade da mesa, pela amizade dos vizinhos, etc. Coimbra, 22.1.83.
>
> [Ass] Alexandre Bastos
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 81)

Na página 82, vemos uma ilustração de uma criança com os braços sobre a cabeça usando uma roupa azul, rosa e branco. Foi feita por M. E. Guillon em setembro de 1865.

Figura 23 – Criança

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Dedicatória de João Baptista de Souza Macedo e Chaves.

> O trabalho é a vida
>
> Desde o mais informe mineral athé ao crystal mais admirável: desde o ástro menos conhecido athé aquelle, cuja orbita com admiravel precisão podemos determinar: desde o mais imperfeito vegetal athé á memóza sensitiva : desde o insecto microscópio athé ao homem : há em todos trabalho. Este manisfesta-se-nos pelo crescimento dos primeiros, pelo movimento dos segundos, pela, vida dos terceiros, e pela vida e intelligência do individuo da ultima grande divisão. Este atributo divino é tanto mais admirável, quanto elle mais se elleva!!! Chega athé a fascinarnos com a visão miraculoza=a cadeia que prende homem ao Creador=!!! Aquelles que attingirem esta extrema perfectibilidade do trabalho terão tocado a méta d'uma longa vida, a imortalidade...unico distirretivo invejavel n'este macrocosmo, onde erramos.
>
> Cabeceiras de Basto=4 de junho de 1878=
>
> [Ass] João Baptista de Souza Macedo e Chaves
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 83)

José Elias Soares Romeo Junior (1839 - ?) nasceu no Porto. Foi para o Rio de Janeiro onde se dedicou ao comércio. Regressou a Portugal em 1868, exercendo entre 1839 e 1878 a função de guarda-livros do Banco Comercial de Braga. Colaborou nos periódicos fluminenses *Correio Mercantil*, a *Marmota* e *A Messe*. Foi sócio-correspondente do retiro Literário do Rio de Janeiro para cuja fundação concorreu; e Cavaleiro da ordem de Christo por decreto de 12 de abril de 1870. (SILVA, 1858. v. 12, p. 308-309).

Fragmento

O mundo pagão vacillava em seus alicerces, os imperadores romanos baseados na falsa religião do polytteismo, que era o culto a diversas deuzes com todas as fraquezas do homem, sentiam abalar-se-lhes o throno, os povos, já muito descrentes da sua fé, sentiamem si um desejo indefinível, quando najudéa despotáva um, astro tão formoza, um sol tão brilhante, como até então, como até á consumação dos séculos, jamais tinha cre hade nasce outro.

Astro promettido no Éden desde a queda do primeiro homem, sol prophestisado nas poéticas harpas de Israel e de Judá, para dissipar com a sua luz a treva imensa, em que a humanidade se envolvia.

Ao seu assomo, a velha civilização romana tinha de passar por uma transformação o mundo, tinham de ser em grande parte substituidos por aquelles, que mais conformes fossem com a doutrina do Martyn Divino.

Estalavam os élos das negras cadeas da escravidão, e a fraternidade começava a ser compreendida, pagã Christo dizia, que assim como Elle era igual a seu Pai que estava no ceu, assim todos os homens erão iguais sobre a terra.....

Era fácil de prever porque razão Roma tivera os seus arcos triumphaces d'outrora, por tanto capítulos de martyres.

Rio de Janeiro 17 de junho de 1867.

[Ass] J. E. Soares Romeo Junior.

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 84)

Ana de Castro Osório (1872-1935) nasceu em Mangualde, Portugal. Foi uma escritora, especialmente no domínio da literatura infantil, jornalista, pedagoga, feminista e ativista republicana portuguesa. Ana de Castro foi pioneira em Portugal na luta pela igualdade de direitos entre homem e mulher. Escreveu, em 1905, *Mulheres Portuguesas*, o primeiro manifesto feminista português. (WIKIPÉDIA).

A trepadeira abraça sempre a arvore mais possante q'ella vê na télva.

Risonha e ousada, ella, ali, vai de abraço em abraço estendendo seu delicado braço, com q' lhe mos quêa o dorso, e acariciando seus diversos braços confunde a miuda folhagem com os soberbos ramos da frondaza arvore, d'onde alegre e descuidadosa, salta de repente, óra fasendo-lhe vistosos festões, ou encaracolando-se, e tecendo berço aérios q'. Se balanção com as bafejos da brisa.

Contente e viçosa da téve de q'. se alimenta, ella acompanha a majestade da vegetação q' a faz viver : em seus verdes ramos se balança; e, dessas extremidades recebe os beijos do Sól, olhando risonho e florida ás outras arvores que povoão a vastidão do bosque.

Eu sou a humilde trepadeira. Venha buscar a pretensão destas possantes arvores q' vejo aqui plantadas.

Genios desse terreno tão rico da séve de gloria como é Portugal, venho preocupar um destes frondosas ramas, em cuja sombra principiei a pensar; e, d'aqui poderei-fixar, segura de não cahir com o deslumbramento, o esplendor luminoso que me fascina, dos raios fulgentes que Corôão as cabeças dos Princepes das Lettras-

A. Herculano, e A. F. de Castilho e outros.

Portugal! Portugal! Patria de heróes, de Gênios. Terra onde a litteratura tem culto! Possa quem te ama deixar em teu pó o grosseiro Sudario q? envolve a alma que tanto te présa!

Rio de janeiro 16 d' Abril de 1868

[Ass] Anna de Castro

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], [p. 85])

Dedicatória de Emília Júlia de Souza Lobão Macedo e Chaves.

Poderia dizer-se feliz o dono d'este álbum?-Penso que sim. Que resta selo ao homem que, creança inexperta é débil, deixa a pátria e a família e vâ a terras longiquas procurar a felicidade, com os anhelos iguais aos viajantes que nas areaes das vastas solidões do deserto vê a miragem, e anciã chegar a esse encantado oais para alentar a vida, mitigando a sêde? E pode pelo seu honrado trabalho voltar á pátria... entrer no santo asylo de seus velhos pães...abraçados; ser eles abeçoadoe orvalhodo com lagrimas dulcissimas de ventura : que estes juntão ás suas – Vendo-se além d'isto rodeado de seres aquém a Sua mão bemfaseja fez trocar pelo riso e pase, as lagrimas e o soffrimento a que a sorte, sempre inconstante, as havia condennado??.....
Este homem deve ser feliz, porque, a unica felicidade eu na terra existe é a que dimana da virtude solida e verdadeira, e esta é Só conhecida e possuída pelos que trabalham, e com honra e dignidade adquirem fortuna, e d'ella se utilisão Só para fazer bem!...- Esta senda gloriosa é que o possuída d'este livro, tão enriquecida, ha trilhado : Permitta Deus que o melhor dos destinos continue a bafejalo, por que d'isso é mais que digno.
Os nomes que tem feito d'este cepitaculo de pensamentos uma preciosidade, são assás gloriosas e dos amadores da literatura bem conhecidos. O meu não devia por isso escrever-se aqui, onde se ostentão galas e flores, por que isso insceverse aqui, onde se ostentão galas e flores, por que é apenas...um nome; mas não quis recusar a subida honra que o senhor do bello álbum me concedeu, e ao qual eu sou summamente grata.
Cabeceira de Basto 2 de junho de 1878

[Ass] Emilia Julia de Sz^{a} Souza Lobão Macedo e Chaves

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 86)

Maria José da Silva Canuto (1812-1890) nasceu Lisboa. Foi a primeira mulher portuguesa a colaborar com a imprensa liberal, publicando um soneto no Guarda Avançada em 29 de Abril de 1835. Fez textos de caráter político e diversos periódicos sob o pseudônimo de "A Portuguesa Liberal". É autora de artigos de crítica aberta ao governo, nos quais afirma as suas convicções liberais. Na sequência de uma mudança de orientação política, passa a escrever, desde 1841, na *Revolução de Setembro*, no *Patriota*, no *Bejense*, no *Diário de Notícias* e no *Jornal do Povo*. Foi discípula de António Feliciano de Castilho. O percurso de Maria José Canuto é muito interessante, pois situa-se num período de desenvolvimento do

ensino, nomeadamente do ensino do sexo feminino, com uma afirmação cada vez maior das mulheres no espaço escolar. (CANUTO, 2003).

> Na literatura portuguesa fulge um astro brilhante; um astro que vem iluminar as trevas dos que,, na solidão do espirito, se alimentam de dôr sublime; de dores majestosas, e, pôsto que descriptas em romance, dores mui Verdaderias; ainda mal! E esse astro e' o escriptos portuense, Theophito Braga. Para que hei de eu juntar a este nome, de si mesmo; illunstre, um epitheto qualquer? Theophilo Braga arrebata-nos a imaginação com o colorido de suas imagens, tão vivamente descriptas; Enleva-nos com a sua phrase, elegante e pura; com seu estylo familiar e franco. Theophilo Braga é, para mim, como uma dessas estrelas que eu contemplo no céu, ás horas mortas da noite; é como a Cyril, a que entre todas, me enleva, e com a qual converso palavras mysteriosas, que ninguém entenderia, se alguém as ouvisse. Que importa ao astro da literatura saber quem é que assim lhe apprecia a luz? E' em ente, em cujo coração todas as escalas do sentimento se repercutem. A Estrella d'alva- A lava de um crâneo vibravamlhe no coração; por que é um coração de mulher, este, que adorara as astros da luz divina da intelligência.
>
> Silencio pois!... Ninguem diga ao jovem escriptor que aquellla que lhe endereçou estes linhas ao começos do presente anno, sob o apellido de-Pythonisa-é a humildade pesceptosa da infancia
>
> Lisboa, 22 de Septembro, de 1865.
>
> [Ass] Maria José da Silva Canuto
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 87)

A dedicatória da página 88 é de autoria desconhecida.

> Depois de têres dos Gênios
>
> Os nomes todos contigo,
>
> Por que me buscas, ó Album,
>
> Por que te importas comigo?…
>
> Si fui poeta-qu'importa!
>
> Da lyra divorciei-me,
>
> Como de mim essa virgem
>
> A quem devéras sagrei-me
>
> Era ellas a minha Muza,
>
> Minha crença e inspiração,
>
> Despresou-me, e o seo despreso
>
> Reseccou-me, o coração

A lyra, que então pulsava

Cheia de crença e de fé;

Como o coração – sem prantos,

Tambem sem cantos Já é!

Amei-as muito! nem sabem

Nem ellas, nem minha lyra!

Deixou morrer tanto affecto

Do mundo a tôspe mentira

Hoje alejão-me os cabellos

Resseca-se o coração;

A virgem ví dos meos votos,

Alyra- cahe-me da mão!

Ed. Villas Bôas

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p.88)

Dedicatória de Francisco Cunha.

O idoma e os costumes não tão o vinculo que une os povos.

A democracia fundará o único império perdurável, o imperio

do direito.

Só então a humanidade será livre e a fraternidade dos povos uma realidade.

Sob o regime do privilegio as nações não pertence. Portugal e Brazil terão verdadeiramente irmão, quando de seus pavilhões tiverem apagado os brasões de uma família.

Rio, 27 de junho de 1873.

[Ass] Francisco Cunha.

([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 89)

Finalizando temos a última dedicatória deste álbum que foi feita por L.C. Justº Coelho.

Não é muito louvar que falles de si própria aquelle, que severos direito tinha de aqui entrar.

E' santo o egoísmo, contudo, por que é seductora a aspiração!

> Quisera um dia ser applandida na scena por toda essa côrte de fildalgas da intelligência, que combrecen as paginas deste livro.
>
> A audácia da desejo pede medir-se pelo arrojo de inscrevêl-'o com o proprio punho!
>
> Sonho de criança! Os artistas são sempre crianças e levam a vida a sonhar!
>
> Rio de janeiro 7 de junho de 1869
>
> [Ass] L.C. Justº Coelho
>
> ([álbum *Autographos Contemporaneos 1865*], p. 90)

Por fim temos a imagem da contracapa do álbum *Autographos Contemporaneos 1865* em que podemos ver gravado as inciais J.D.E.[20]

Figura 24 – Contracapa do álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

Fonte: álbum *Autographos Contemporaneos 1865*

O álbum *Autographos Contemporaneos 1865* inicia o seu conteúdo como já foi observado, com uma bela ilustração de três musas. As musas segundo a mitologia grega eram figuras que serviam de inspiração para a arte ou ciência. As musas habitavam o templo *Museion*, termo que deu origem à palavra "museu" definido como o local de preservação das artes e ciências. Podemos pensar que as três musas que possuem sua ilustração localizada no

20 J.D.E – não temos informações suficientes para confirmar se estas iniciais pertence ao dono do álbum *Autographos Contemporaneos 1865*. No álbum não consta nenhum tipo de dado que confirme esta informação.

início do álbum estariam ali de alguma forma para servir de inspiração para os autores que ali deixariam suas dedicatórias.

Alguns escritores expressaram em suas dedicatórias que o álbum *Autographos Contemporaneos 1865* seria um objeto sagrado, tudo isto se deve ao seu rico conteúdo, que é composto de diversas dedicatórias expressas através de ilustrações, poemas e poesias de importantes personalidades históricas portuguesas e brasileiras, um destaque para os já bastantes citados por outros escritores em suas dedicatórias, as figuras de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877) e António Feliciano de Castilho (1800-1875) que foram dois importantes escritores portugueses. Destaque também para duas mulheres que estão também presentes neste álbum são elas: Ana de Castro Osório (1872-1935) e Maria José da Silva Canuto (1812-1890). Como já foi descrito anteriormente, Ana de Castro foi uma escritora e feminista que também escreveu, em 1905, *Mulheres Portuguesas*, o primeiro manifesto feminista português. Já Maria José foi a primeira mulher portuguesa a colaborar com a imprensa liberal e em seus artigos criticava abertamente o governo afirmando suas convicções liberais. E foi também discípula do já então citado António Feliciano de Castilho.

Os principais assuntos abordados nas dedicatórias do álbum são sobre política, comportamento social da época.

Podemos constatar o quanto o álbum *Autographos Contemporaneos 1865* é um objeto que representa um importante elemento do patrimônio histórico e cultural entre os anos de 1865 até 1886, estes anos representam o período que foram registradas as dedicatórias do álbum.

O agradecimento foi o assunto mais utilizado pelos autores deste álbum. Muitos foram os autores que se sentiram gratos e lisonjeados por esta fazendo parte deste álbum de dedicatórias e por terem seus nomes numa mesma obra que outros importantes nomes da literatura como os já citados Alexandre Herculano, Castilho e também não menos importante o escritor e político Teófilo Braga (1843-1924).

O álbum *Autographos Contemporaneos 1865* é um objeto que tem que ser preservado e deixado para a posteridade, afirmação esta que pode ser confirmada em um trecho da dedicatória do autor José Joaquim Rebello Maia que está contida no álbum que diz: “Este álbum tão embrecido por tantos talentos que já pertencem á posteridade, […]”.

Depois desta análise sobre o conteúdo do álbum *Autographos Contemporaneos 1865* podemos perceber a sua importância e valor histórico.

E por fim surge algumas outras perguntas sobre o álbum: A quem pertenceria este álbum? Quem seria o dono ou idealizador deste objeto? A resposta é bem simples. Não se sabe.

Pois em momento algum durante a análise das dedicatórias deste álbum, os autores citam o nome do dono do álbum ou deram algum tipo pista de quem seria esta personalidade. Então decidir nomear o dono deste álbum pelo nome de Etéreo.

O nome Etéreo vem da palavra eterno que é utilizado para qualificar algo que aparentemente não tem começo nem fim, algo que dura para sempre, que parece nunca acabar. A ideia do eterno está intimamente ligada ao que é divino, sobrenatural e místico. Nas principais religiões sempre existiu a figura de um deus que ultrapassava os limites naturais do tempo, vivendo por inúmeros anos, tornando-se uma entidade eterna, ou seja, que nunca tem um fim. O Etéreo por causa do álbum tornou-se assim como um dos significados da palavra eterno, uma figura que ultrapassa os limites do tempo e vive por inúmeros anos, ou seja, uma entidade eterna.

Não sei se quando o dono do álbum o idealizou e confeccionou tinha a consciência de que este álbum estaria preservado até os dias de hoje em pleno século XXI, um objeto que foi feito no século XIX.

O álbum *Autographos Contemporaneos 1865* registrou em suas páginas um certo período da história. A história de uma amizade entre duas nações: Brasil (Rio de Janeiro) e Portugal (Porto). A história eterna que pode ser consultada e lembrada pelas gerações futuras.

> […] lembrar é recordar ativamente palavras, idéias, paisagens, pinturas, música; isto é, ligado o dado simples a ser lembrado e os outros muitos dados com que se correlaciona. Essas ligações lógicas, mas vivas. Um conceito interliga-se com outro mediante um ato produtivo de pensar (ou sentir) que é posto em ação quando se procura a palavra certa. (FROMM, 1977, p. 48).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informação. Na Grécia antiga a personificação da memória era atribuída a deusa *Mnemosine,* a deusa da memória. Já as suas filhas, as nove musas, eram consideradas as fontes de inspiração para a arte e a ciência.

No início a memória era disseminada por meio da oralidade por pessoas mais velhas das comunidades que tinham como incumbência guardar o conhecimento que era acumulado ao logo de sua vida e também o de transmitir este conhecimento para as próximas gerações.

Com o surgimento da escrita no século XVI a. C ocorreu um equilíbrio entre a memória oral e memória escrita em consequência do surgimento da escrita cuneiforme criada na Babilônia em torno do 4º milênio a. C, em que caracteres eram gravados em tabletes de argila. Posteriormente, a memória passou a ser registrada em pergaminhos, depois nos papiros e chegando ao papel que foi inventado na China. Com a invenção da impressa por Gutenberg houve um grande desenvolvimento da produção e divulgação do conhecimento. Alguns séculos depois com a evolução das tecnologias digitais a memória passou a ser registrada nos dispositivos eletrônicos, mais precisamente nos computadores, a denominada memória artificial.

A memória encontra alguns tipos de empecilhos para a sua preservação, relacionado ao tempo de vida que o suporte possui. Pois para uma melhor preservação da memória temos que levar em consideração os diferentes tipos de suportes nos quais este registro pertence e qual a melhor técnica para ser utilizada tendo em vista o máximo prolongamento da vida útil do mesmo. A ação humana também é um forte indício de destruição da memória como, por exemplo, a queima de livros durante o período do governo nazista na Alemanha.

Como já foi dito a memória possui diferentes formas de registros do conhecimento e alguns objetos possuem a capacidade de carregar e conservar esta memória. Um exemplo de objeto que é rico de simbolismo e que pode carregar a história de um período, seja a história de uma pessoa ou de uma sociedade, são os álbuns, que em suas páginas registram a realidade, as lembranças e emoções de seu possuidor.

Quando analisamos as dedicatórias do álbum *Autographos Contemporaneos 1865* percebemos a sua importância e valor histórico. O registro da memória encontrada neste objeto representa o registro de um período da história entre os anos de 1865 e 1886, dos laços de amizade entre as pessoas de duas nações: Portugal e Brasil. Este álbum é composto de

inúmeras personalidades da literatura, pintura e música, e em suas dedicatórias encontramos reflexões sobre o comportamento social da época, questões relacionadas a política. E em muitas das dedicatórias encontramos os autores expressando sua enorme gratidão por fazer parte deste objeto ou por estarem numa mesma obra de que figuras importantes do cenário literário português e brasileiro. Este álbum é um objeto que causa fascínio e traz consigo uma aura de mistério. Fascínio por este objeto está recheado de textos, belas ilustrações de importantes personalidades históricas portuguesas e brasileiras. Já em relação ao mistério temos a questão de não se saber a quem pertenceu o álbum, primeiramente quem foi o primeiro dono deste valioso objeto.

Por fim, os relatos que estão contidos neste álbum servem para compreender melhor a importância do papel da preservação da memória, além de nos ajudar a entender como o álbum é um representante do ambiente em que foi criado. O álbum evidencia como um objeto pode passar a agregar inúmeros valores, deixado de ter uma função específica, para se tornar um objeto especial que carrega um universo de significados.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Pedro Luís**. Perfil do Acadêmico. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/pedro-luis>. Acesso em: 23 jul. 2016.

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. **Arthur Napoleão**. Disponível em: <http://www.abmusica.org.br/academico.php?n=rarthur-napoleao&id=118>. Acesso em: 23 jul. 2016.

[ÁLBUM *Autographos Contemporaneos 1865*]. Porto – Rio de Janeiro, 1865-1886. (90 p.).

ANA DE CASTRO OSÓRIO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_de_Castro_Os%C3%B3rio>. Acesso em: 11 jun. 2016.

ARCADJA AUCTIONS RESULTS. **Luís Ascêncio Tomasini**. Catalogo 30. Disponível em: <http://www.arcadja.com/auctions/es/tomasini_lu%C3%ADs_asc %C3%AAnsio/artista/347863/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

ARQUIVO NACIONAL – MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Institucional**. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=1>. Acesso em: 23 jul. 2016.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Disseminação da informação**: entre a teoria e a prática. Marília, SP, 2003.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. 238 p.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

_____ . **O sistema dos objetos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Belo Horizonte/São Paulo, 2009

_____.Desempacotando a minha biblioteca. In._____. Rua de mão única. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, [1989]. (Obras escolhidas, v.2)

BERGER, Adolf. **Encyclopedic Dictionary of Roman Law.** Philadelphia: The American Philosophical Society: The Lawbook Exchange, Ltd., 1953. 476 p. Disponível em: <https://archive.org/stream/bub_gb_oR0LAAAAIAAJ#page/n29/mode/2up>. Acesso em: 01 jul. 2016.

A BIBLIOTECA de Bagdá (Universidade Islâmica Avançada) - Segunda Parte. Disponível em: <http://islamstory.com/pt/node/38361>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BIBLIOTECA MUNDIAL DIGITAL. **Album amicorum de Jacob Heyblocq**. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/14421/>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BONCOMPAGNO *apud* LE GOFF. FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga**: a favela e a biblioteca. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária de Cultura e Desportos, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=iiSre8CpmWkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=BONCOMPAGNO%20&f=false>. Acesso em: 31 jul. 2016.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **As musas ensinam a mentir** (Hesíodo, Teogonia, 27-28). Ágora (Aveiro), Aveiro, v. 2, p. 7-20, 2000. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/musas.pdf >. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRINCHES, Vitor Manuel Fernandes. **Dicionário biobibliografico luso-brasileiro.** São paulo: Fundo de Cultura, 1965, 2 v.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação museológica**. Caderno de Diretrizes Museológicas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CANUTO, Maria José da Silva, Cláudia Castelo, in António Nóvoa, **Dicionário de Educadores Portugueses**, Porto, Edições Asa, 2003: 264 – 265, com adaptações.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE AUTORES PORTUGUESES, 2005. DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. **Camilo Castelo Branco**. Disponível em: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6374>. Acesso em: 23 jul. 2016.

CHAGAS, Mário. **Em busca do documento perdido**: a problemática da construção teórica na área da Documentação. Caderno de museologia, n. 2, 1994. p. 29-47

CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Orgs). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Territórios abertos para a história. In: Pinsky, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2009 a. 251.p.

_____. **Do baú ao arquivo**: escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso em: 23 jun. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet De Lemos, 2008. xvi, 451 p.

_____.; LIMA, João Alberto de Oliveira. **Tratamento da informação legislativa e jurídica**: perspectiva histórica. Senatus: cadernos da Secretaria de Informação e Documentação, Brasília, v. 6, n. 2, p. 33-38, out. 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5595/1/ARTIGO_TratamentoDaInformacaoLegislativa.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

DEDICATÓRIA. In: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dedicatória>. Acesso em: 29 jun. 2016.

DICTIONARY, c2016. Disponível em: <http://www.dictionary.com/browse/tibur>. Acesso em: 23 jun. 2016.

ECO, Umberto. **A memória vegetal**: e outros escritos sobre bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FADIMAN, Anne. **Ex-libris**: confissões de uma leitora comum. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FRANCISCO XAVIER PINTO DE LIMA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier_Pinto_de_Lima>. Acesso em: 11 jun. 2016.

FROMM, Erich. **Ter e ser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

FUNDAÇÃO EÇA QUEIROZ. **Eça Queiroz**. Disponível em: <http://www.feq.pt/eca-de-queiroz.html>. Acesso: 23 jul. 2016.

GALAN GALL, Antonio Luis and Sanchez; ABARCA, Jose Alberto. ***Álbumes de autógrafos en la colección**: Entrambasaguas de la Biblioteca de la UCLM.,* 2004. In I Jornadas sobre Patrimonio Bibliográfico en Castilla-La Mancha, Toledo (Spain), 12-14 November 2003. [Conference paper]. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11169/1/albumes %282004%29.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

GOODY, J. 1977 *The Domestication of the Savage Mind*, Cambridge University Press, London.

GUERIOS, Rosario Farani Mansur. **Dicionário de etimologias da língua portuguesa**. São paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAZEN, D. **Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções**. In: Planejamento de preservação e gerenciamento de programas. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em:

<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/CPBA%2033%20a %2036%20Planejamento%20e%20Gerenciamento.pdf>

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. **Odisséia.** 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. 293 p. (Clássicos Cultrix).

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JOÃO PEDROSO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pedroso>. Acesso em: 11 jun. 2016.

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA SAMPAIO. In: _____. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Augusto_da_Silva_Sampaio>. Acesso em: 11 jun. 2016.

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO. In: _____. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Cardoso_Vieira_de_Castro>. Acesso em: 11 jun. 2016.

KRAUSZ, Luis S. **As musas**: poesia e divindade na Grécia arcaica. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2007.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet De Lemos, 1996.

LEFEBVRE, G. 1945-46. **La naissance de t historiographie moderne**, Flammarion, Paris, 1971.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990, 1994, 1996, 2003.

LEMOS, R. S. (2007). **João de Andrade Corvo**: ficha bio-bibliográfica. Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Edição Eletrónica. Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/ConteudosAreasDetalhe_DT.asp?I=1&ID=1736>. Acesso em: 23 jul. 2016.

LEROI-GOURHAN, A. 1964-65. **Le geste et la parole**, 2 vols., Michel, Paris (trad. portuguesa: Edições 70, Lisboa, 1981-83).

LIVRARIA CASTRO E SILVA – catálogo. **Travassos Valdez (Francisco) Africa Occidental**. Noticias e Considerações. Disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1002JC284/africa-occidental-noticias-e-consideracoes>. Acesso em: 23 jul. 2016.

LYONS, Jonathan. **A casa da sabedoria**: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Pinheiro_Chagas>. Acesso em: 11 jun. 2016.

MARTIN, E. A.; ISAACS, Alan; HORTA, Luís Paulo. **Dicionário de música**. Rio de janeiro: Zahar, 1984.

MESSINA-RAMO, Maria Angélica Ferraz. **Manual para entrada de dados bibliográficos em formato MARC 21**: ênfase em obras raras e especiais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. 273 p. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/boletim/Manual_Obras %20Raras_Completo_Versao%20Publicada.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2016.

MICHAELIS, H. **Michaelis:** moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 2267 p.

MOLES, Abraham A. **Semiologia dos objetos.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

MURASSE, Celina Midori. **Bethencourt da Silva e o Ensino Técnico no Brasil**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0418.pdf>. Acesso: 23 jul. 2016.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CHIADO. **João Cristino da Silva**. Disponível em: <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistas/ver/17/artists>. Acesso em: 23 jul. 2016.

_____. **Cego Rabequista**, 1855. Disponível em: <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/pecas/ver/429/artist>. Acesso em: 11 jun. 2016.

NICTHEROY. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Niter%C3%B3i>. Acesso em: 23 jul. 2016.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation** – Le livre sur le Livre – Théorie et Patique. Bruxeles: Editiones Mundaneum. 1934. Disponível em: <http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

POMIAN, Krzystof. **Memória**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. V. 42 (Sistemática).

PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO, Volume II, pág. 437. **Guilherme Braga**. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/bragaguilherme.html>. Acesso em: 11 jun. 2016.

_____, Volume II, págs. 910-911. **Júlio de Castilho o segundo visconde de Castilho**. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/castilhojulio.html>. Acesso em: 11 jun. 2016.

RAYWARD, W. Boyd. The universe of information: the work of Paul Otlet for Documentation and international organisation. Moscow: VINITI; FID, 1975.

REGIS, Fátima. **Memória e esquecimento na Grécia Antiga**: da complementaridade à contradição. Logos: comunicação & universidade (online), Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social-UERJ, 4 v., 7 n., 2º/1997. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14592/11055>. Aceso em: 20 jun. 2016.

RIEUSSET-LEMARIÉ, Isabelle. P. Otlet's Mundaneum and the International Perspective in the History of Documentation and Information Science. Journal of the American Society for Information Science, v. 48, n. 4, p. 301-309, 1997

RONCAGLIO, C.; SZVARCA, D. R.; BOJANOSKI, S. F. **Arquivo, gestão de documentos e informação**. Encontros Bibli (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, v. n. esp, p. 1-13, 2004.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA. **Teófilo Braga**. Disponível em: <http://www.presidencia.pt/?idc=13&idi=37>. Acesso em: 23 jul. 2016.

SENADO FEDERAL. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242817>. Acesso em: 23 jun. 2016.

SILVA, Innocencio Francisco da; FONSECA, Martinho Augusto Ferreira da; SOARES, Ernesto; SOUSA, Jose Soares de; ARANHA, Brito. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858 – 1923.

SOUSA, Jorge Pedro. **Um inovador no jornalismo português oitocentista** – Eduardo Coelho e O Diário de Notícias∗Adriano Gaspar Coelho. Biblioteca Online de Comunicação.2009 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-um-inovador-no-jornalismo-portugues-oitocentista.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2016.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade de informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em:<http://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016

THE ELECTRONIC LABYRINTH. album Amicorum. Disponível em: <http://www2.iath.virginia.edu/elab/hfl0173.html>. Acesso em: 01 jul. 2016.

TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Cortez. **Sonetos de Camões**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

UNESCO. **Memoria del Mundo**: Directrices. Paris, 2002. Disponível em: <http://www.unesco.org/webworld/mdm/index.html>

UNIVERSAL: novo dicionário da língua portuguesa: conforme acordo ortográfico. São Paulo: Texto, 2008. 1653 p.

UNIVERSIDADE DIGITAL / GESTÃO DE INFORMAÇÃO, 2010. Universidade do Porto. Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. **Francisco José Resende**. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005691>. Acesso em: 23 jul. 2016.